

**FERNANDA DE MELO MEIRELES**

**BATE-SE EM UMA MULHER: DEVASTAÇÃO DO FEMININO E VIOLÊNCIA  
DOMÉSTICA**

Brasília  
Dezembro de 2021

**FERNANDA DE MELO MEIRELES**

**BATE-SE EM UMA MULHER: DEVASTAÇÃO DO FEMININO E VIOLÊNCIA  
DOMÉSTICA**

Monografia apresentada ao Centro  
Universitário de Brasília como requisito básico  
para a obtenção do grau de psicóloga.  
Professor-orientador: Dr. Juliano Moreira  
Lagoas

Brasília  
Dezembro de 2021

**FERNANDA DE MELO MEIRELES**

**BATE-SE EM UMA MULHER: DEVASTAÇÃO DO FEMININO E VIOLÊNCIA  
DOMÉSTICA**

Monografia apresentada ao Centro  
Universitário de Brasília como requisito básico  
para a obtenção do grau de Psicóloga.  
Professor-orientador: Dr. Juliano Moreira  
Lagoas

BRASÍLIA, 07 DE DEZEMBRO DE 2021

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Juliano Lagoas (Orientador) – UniCEUB

---

Profa Me. Morgana Queiroz – UniCEUB

---

Profa. Dra. Flávia Bascunan Timm – UniCEUB

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por compreenderem a minha ausência nestes últimos períodos, pelos pratinhos de comida sempre guardadinhos, por todo apoio e amor sempre.

À Ana Júlia, minha sobrinha, por sua alegria infantil, imaginação e amor.

A toda minha família, em especial, minha avó Francisca, tias (Selma, Delma, Diassis e Telma) e primas (Letícia, Renata, Giselle e Duda), que são mulheres incríveis com as quais tenho a honra de conviver e aprender.

À Bruna, minha prima/irmã, por toda a escuta, suporte e acolhimento sempre.

Às minhas queridas amigas, Ana Beatriz e Isabelle, pelos momentos, risadas, choros e inúmeras conversas durante estes mais de 10 anos de amizade. É maravilhoso poder compartilhar a vida e dividir mais um ciclo com vocês ao meu lado.

Às amigas que encontrei na faculdade — Andressa, Giovanna e Vitória — que fizeram com que estes cinco anos de curso fossem leves e divertidos. Obrigada pelas longas tardes de estudo, pelas palavras durante os momentos de desespero e pelas risadas.

À Mila, pelo encontro na psicologia e na psicanálise. Obrigada pela parceria, escuta e incentivos durante as (várias) adversidades vividas. Por toda sua amizade nesta caminhada e em caminhos que estão por vir ainda.

À equipe da SUAP/DPDF, pela oportunidade de crescimento profissional e por ter auxiliado a me encontrar no campo psicossocial. Obrigada pela compreensão, aprendizagem e experiência que obtive durante estes dois anos trabalhando com vocês. De forma especial, à Ana Carolina Romanow que aceitou, sem hesitação, a função de preceptora e a realizou de maneira tão maravilhosa e carinhosa.

Às mulheres em situação de violência que conheci e atendi durante esse tempo no estágio, que me motivaram a querer estudar e realizar a pesquisa sobre esse tema.

Aos colegas e professores da Psicologia que, direta ou indiretamente, participaram da minha formação durante todo o período da graduação. Em especial, aos amigos – Mila Veríssimo, Íris Formiga, Júlia Chauvet, Pedro Saraiva e Simone Lemos - e aos professores do estágio (Guilherme, Leonor e Áurea), obrigada pelas trocas neste momento final do curso.

À Morgana e Flávia por terem aceitado o convite de comporem a banca examinadora. Agradeço pela leitura sensível do meu trabalho e pelas contribuições.

Ao Guilherme Henderson, pela confiança e suporte nessa fase do estágio. Obrigada pela escuta e por sua transmissão, tão leve e inspiradora, da psicanálise.

Ao meu professor e orientador, Juliano Lagoas, obrigada por ter despertado, mesmo sem saber, a inquietação e curiosidade com relação à psicanálise. Obrigada pela sua calma, paciência e pelas diversas orientações ao longo do curso.

Às mulheres participantes deste estudo, que acreditaram, primeiramente, em si mesmas, e confiaram a mim seus relatos.

Por fim, a todas as mulheres que lutaram antes de mim, a nós que continuamos resistindo e a todas as mulheres que virão, que continuemos a ser potência e grandiosas perante um mundo que ainda tenta nos fazer abdicar de nossos desejos e nos diminuir. Que possamos nos sentir seguras na rua, no trabalho, e, também, em nossos lares.

“Talvez a divindade das mulheres não fosse específica, estivesse apenas no fato de existirem. Sim, sim, aí estava a verdade: elas existiam mais do que os outros, eram o símbolo da coisa na própria coisa. E a mulher era o mistério em si mesmo, descobriu. Havia em todas elas uma qualidade de matéria-prima, alguma coisa que podia vir a definir-se mas que jamais se realizava, porque sua essência mesma era a de 'tornar-se'”.

(Perto do coração selvagem - Clarice Lispector)

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo compreender os processos de subjetivação e as modalidades de sofrimento psíquico vivenciados por mulheres que permaneceram em relações amorosas violentas, tendo como base teórica a psicanálise. Para isso, foram realizadas entrevistas semi estruturadas, na modalidade de grupo focal, com três mulheres, e na modalidade individual, com uma das participantes. Tendo como estratégia metodológica a “análise de discurso”. No primeiro capítulo, realizou-se uma discussão sobre os conceitos psicanalíticos de trauma, compulsão à repetição, pulsão de morte, masoquismo e devastação a fim de compreendermos aspectos psíquicos e traumáticos que possam estar ligados à permanências das mulheres em situação de violência. Além de um olhar sobre a construção do feminino na teoria psicanalítica. No segundo capítulo foram realizadas as análises das entrevistas e articulações com o referencial teórico, sendo selecionados e apresentados trechos dos relatos das participantes. A partir disso, foi possível perceber a repetição compulsiva, manifestada pela pulsão de morte, nas relações amorosas, além de um assujeitamento frente ao parceiro, o que desvela uma face devastadora para a mulher.

**Palavras-chave:** Violência; Feminino; Devastação; Psicanálise.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>CAPÍTULO I - A FEMINILIDADE: DO AMOR À DEVASTAÇÃO</b>	14
1.1. Breve contextualização sobre a construção da feminilidade na teoria psicanalítica	14
1.2. O trauma e a compulsão à repetição	18
1.3 A pulsão de morte e o masoquismo	20
1.4. A (in)definição do feminino na psicanálise e a devastação	22
<b>MÉTODO</b>	27
2.1 Procedimentos de coleta de dados	27
2.2 Procedimentos de análise	28
<b>CAPÍTULO II - “NÃO SOMOS LOUCAS, SOMOS MULHERES!”</b>	29
3.1 O início: flores e espinhos	34
3.2 A porta, a travessia e o fim	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	48
<b>REFERÊNCIAS</b>	50
<b>ANEXO A -</b>	54
<b>ANEXO B -</b>	55
<b>ANEXO C -</b>	56

## INTRODUÇÃO

Não raro, deparamo-nos com diversos casos de violência doméstica (incluindo feminicídio) expostos pelas mídias, sendo, em sua maioria, realizados pelo companheiro da vítima. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2019), a cada 2 minutos uma mulher sofre violência doméstica por parte de seu companheiro, o que coloca, segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS (FBSP, 2019), o Brasil na 5ª posição no ranking mundial de feminicídio. Na atual conjuntura pandêmica que vivemos — ou sobrevivemos — nos últimos anos, fomos bombardeados com o aumento de casos de violência doméstica. Por conta da necessidade sanitária de nos isolarmos em nossos lares, deparamo-nos com a realidade de que, às vezes, o inimigo reside ali dentro.

Segundo Bourdieu (2002), a dominação masculina tende a colocar as mulheres em estado de insegurança corporal e associa que essas existam pelo e para o olhar do outro, equiparadas a um objeto atraente. É esperado das mulheres que sejam “sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas” (p. 41). Compreende-se que, em uma sociedade patriarcal, a mulher tem sua voz silenciada, seus desejos reprimidos, sendo dela esperado que se assujeite aos caprichos de uma figura masculina, sendo a violência conjugal perpetuada por uma lógica de propriedade relacionada ao corpo feminino.

Partindo para um contexto histórico, observamos que a subjugação do sexo feminino não é recente. Na Grécia antiga, as mulheres não eram vistas como cidadãs da Pólis e não podiam possuir propriedades, assim como os estrangeiros e escravos. Ou seja, o mundo dos pensamentos e conhecimentos era restrito ao âmbito masculino, sendo a mulher excluída desse círculo (COLLING, 2014). A mulher era, então, subjugada, primeiramente quando jovem, ao pai e, a posteriori, através do casamento, ao marido já pré-escolhido pelo pai. Limitada ao espaço particular (gineceu), residencial, das tarefas domésticas, de reprodução e criação dos filhos, a violência doméstica era considerada normal (TIMM; PEREIRA; GONTIJO, 2011). Segundo Colling (2014), foram os gregos que deram início ao discurso da “natureza feminina”, responsabilizando o corpo da mulher unicamente como um meio de reprodução.

Durante a Idade Média, é construída uma moral que designa papéis sociais a partir do gênero e passa a existir uma dualidade quanto ao sexo feminino (SILVA; MEDEIROS, 2013). Com isso, a mulher passa a ser concebida tanto como frágil e santa, nos moldes da Virgem Maria, quanto como forte e pecadora, à maneira de Eva, tornando-se, segundo Delumeau (1993), símbolo da tentação e do pecado, aquela que induz o outro a pecar. O mito de Gênesis narra a criação da humanidade a partir de uma visão judaico-cristã e determina leis entre os

homens (SILVA, 2008). Nele, é narrada a criação de Adão à imagem e semelhança de Deus, e a de Eva, a partir da costela de Adão. Dessa narrativa, observamos que a mulher não “nasce” equiparada e igual ao homem pelas mãos do Criador, mas é criada, a posteriori, *de e para* Adão. O que esta “criação” infere, simbolicamente, sobre o papel social da mulher dentro da relação? Uma inferioridade e dependência enraizada, característica do sexo feminino?

Eva, a primeira mulher, é tida como aquela que é seduzida pelo diabo e alimenta-se do fruto proibido, quebrando a norma que o Criador introduziu (SILVA, 2008). Além disso, seduz e incita o primeiro homem, frágil e temente a Deus, a pecar, o que leva à expulsão de ambos do paraíso, e à disseminação do mal e da vergonha na humanidade (SILVA, 2008). Dessa forma, a mulher que não tem seu desejo controlado é tida como aquela que desvirtua o caminho do homem. Qual era o destino das mulheres que transgrediam as expectativas sociais e religiosas quanto ao lugar destinado ao sexo feminino?

A chamada “caça às bruxas” assassinou milhares de mulheres acusadas de praticarem feitiçaria. Ou seja, a demonização do feminino se disseminou na sociedade, e aquelas mulheres que não reprimiam o desejo sexual - as histéricas, as “loucas”, as que não eram submissas a uma figura masculina (pai, marido, irmão) e possuíam conhecimentos sobre o corpo (em questões como abortos e menstruação, em especial) - foram taxadas como bruxas, pois subvertiam a lógica religiosa das obras de Deus. O Estado também passa a temer o conhecimento dessas mulheres “bruxas” e inicia-se então uma longa perseguição, como tentativa de obter controle sobre os corpos e sobre a sexualidade feminina, acusando-as, inclusive, de terem pacto com o demônio como uma forma de legitimar, amedrontar a população e instigar que fossem denunciadas.

Porém, é na modernidade que observamos um período de intensificação da repressão. Segundo Kehl (2016, p. 38), é no “imaginário social moderno” que se constituem os discursos da feminilidade tradicional, que continuam a ser perpetuados na sociedade, sobre como deve ser uma mulher. Os ideais do sujeito moderno, que prezam pela autonomia e liberdade, contrapõem-se aos ideais de feminilidade, que continuam a propagar a submissão, o casamento (agora com livre escolha do parceiro amoroso) e a maternidade como predestinação da vida da mulher (KEHL, 2016). O que nos traz os seguintes questionamentos: o que a redução das mulheres à maternidade pode relatar sobre a configuração social da modernidade? Além disso, por que o controle sobre o corpo feminino continua a se mostrar tão necessário? Segundo Groppi (1995 apud CAMPAGNOLI *et al.*, 2003), a exclusão das mulheres do espaço público era aceita sob o pretexto da “natureza feminina”, de forma que a passividade e a virtude voltadas para o ambiente particular eram características relacionadas ao feminino. Na modernidade, as

mulheres que desviavam do caminho da maternidade estavam voltadas aos caminhos da prostituição, da ninfomania, do infanticídio ou da histeria (DOMINGUES, 2008).

Os primeiros pacientes de Freud eram mulheres histéricas que apresentavam alguma manifestação de sintoma corporal sem aparentes causas orgânicas. Em seus *Estudos sobre a histeria* (1895/2016), Freud e Breuer discorrem sobre o mecanismo da histeria e a dificuldade das pacientes em falar, oferecendo lugar de escuta às mulheres diante de um período de intensa repressão da sexualidade e dos desejos femininos. Apesar disso, a psicanálise estrutura-se de forma falocêntrica e apresenta a ideia de que, dos três destinos possíveis ao desenvolvimento da mulher, apenas um é o caminho normal da feminilidade: aquele que se desdobra no desejo de ter um filho como forma de ter o falo (FREUD, 1933/2010). Ele aborda, em seu discurso, o caminho “natural” da mulher na maternidade e uma posição marcada pela inferioridade e inveja por não possuir um falo.

É na transição da modernidade para a contemporaneidade que o movimento feminista luta por um lugar nos espaços que sempre foram negados às mulheres. Tendo como base os ideais da liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa, as sufragistas da primeira onda do feminismo reivindicavam o direito de igualdade, na política e no trabalho (LAGO, 2012). A segunda onda do feminismo, segundo Lago (2012), tem como precursora Simone de Beauvoir, que discute, em *O segundo sexo* (1949), o desenvolvimento e as condições sociais que estruturam a forma de ser mulher. O movimento discorre sobre direitos reprodutivos e sexuais, além de abarcar debates sobre gênero, continuar os questionamentos acerca da teoria psicanalítica e debater a opressão dirigida ao sexo feminino. O que esse movimento traz à tona? Por muito tempo, o corpo da mulher era tido como propriedade de alguém (da igreja, da família, do marido, dos filhos); o que agora se reivindica é que o corpo deve ser visto como propriedade dela, de maneira que as decisões acerca dele sejam respeitadas. Levanta, também, o debate de que a mulher não é submissa por natureza, mas existe uma construção social que atribui a posição de passividade a esse sexo.

É a partir das teorias feministas, segundo Timm *et al.* (2011), que o tema da violência doméstica começa a ter mais destaque no debate acerca do patriarcalismo e sua manutenção na opressão das relações de gênero. Ou seja, a sociedade patriarcal se mantém como principal fator que legitima e silencia, a partir de uma hierarquização dos gêneros, a violência conjugal que ocorre no ambiente doméstico.

A culpabilização da mulher, nos casos de violência, ocorre de forma “natural” na sociedade, que tende a justificar os atos agressivos cometidos no âmbito conjugal. Esse tipo de comportamento faz com que a vítima se silencie, não torne públicas as situações de violência,

por vergonha, medo, ou ainda por acreditar que será um fato isolado. Entretanto, um aspecto que podemos observar é a repetição dos atos violentos.

O ciclo da violência, segundo o Instituto Maria da Penha (IMP, s.d), apresenta três fases. Na primeira fase, há o aumento da tensão, em que o agressor se mostra irritado e tem acessos de raiva, humilha a vítima e profere ameaças. Já a vítima tenta não provocá-lo e justifica tais comportamentos do companheiro. A segunda fase caracteriza-se pela violência em decorrência da explosão do agressor, a qual se concretiza por uma ou pelas cinco formas de violência. A vítima reage e distancia-se do agressor, seja ao denunciar, solicitar o auxílio dos familiares ou até mesmo suicidar-se. Por fim, a terceira fase diz respeito à “lua de mel”, sendo caracterizada pela demonstração de arrependimento por parte do agressor e promessas de mudanças em relação aos seus comportamentos. Ele apresenta-se amável, atencioso e até realiza mudanças no comportamento, a fim de que a companheira aceite retomar a relação amorosa. A vítima retoma os momentos felizes que viveu ao lado do agressor, sente-se responsável pela agressão que aconteceu e volta ao relacionamento amoroso. Porém, logo mais, o ciclo torna a se repetir. O que podemos observar nos discursos difundidos pela sociedade é que a mulher retorna a essas relações por vontade própria, chegando até a justificar a ocorrência das ações violentas.

Levando em consideração a importância dos contextos social e financeiro, que podem influenciar nas escolhas de mulheres em prosseguir com o agressor, as questões norteadoras deste estudo são: quais as modalidades de subjetivação e de sofrimento psíquico manifestos nas vivências de mulheres que permanecem em relacionamentos abusivos? Qual o lugar do fenômeno da repetição na dinâmica dessas relações?

Com base no exposto, esta pesquisa busca ampliar os estudos, no universo acadêmico, acerca do fenômeno da violência conjugal, levantando questionamentos acerca das regras impostas por uma sociedade patriarcal que, em pleno século XXI, banaliza e justifica os atos de agressividade que se dirigem aos corpos e à sexualidade das mulheres. Ainda sob um aspecto social, ressaltamos a necessidade de se oferecer espaço aos discursos dessas mulheres que sofrem violência, e que são, constantemente, julgadas, silenciadas e culpabilizadas; e de fomentar debates sobre a responsabilização dos parceiros agressores, levantando questões mais complexas que o fator, tão difundido socialmente, da "vontade própria" de prosseguir no relacionamento.

Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa é compreender os processos de subjetivação e as modalidades de sofrimento psíquico vivenciados por mulheres que permanecem em relações amorosas violentas. Tem-se os seguintes objetivos específicos: (i) analisar os vínculos afetivos estabelecidos na infância e suas repercussões, *a posteriori*, nos

relacionamentos amorosos da mulher, tomando como referência a concepção psicanalítica de trauma; (ii) compreender os fatores psicossociais implicados na permanência das mulheres nessas parcerias, tendo como suporte analítico a concepção freudiana de "compulsão à repetição"; (iii) refletir sobre a posição da mulher em relacionamentos violentos, à luz dos conceitos psicanalíticos de "masoquismo" e de "devastação".

## CAPÍTULO I - A FEMINILIDADE: DO AMOR À DEVASTAÇÃO

*Menina,  
você pensa que útero é pra quê,  
pra fazer filho?  
Útero é pra te dar força*

A corda que sai do útero (Ana Suy, 2020)

Este capítulo foi dividido em quatro seções, iniciando com o desenvolvimento psíquico sexual feminino a partir dos textos freudianos. Buscando discutir, a princípio, a sexualidade feminina desde a infância - abordando a fase pré-edipiana, complexo de Édipo - a fim de auxiliar a compreendermos a sexualidade da mulher na fase adulta. Posteriormente, foram abordados os conceitos de trauma e compulsão à repetição, para, em seguida, nos debruçarmos sobre a pulsão de morte, sua relação com a violência e os tipos de masoquismo a partir da psicanálise freudiana. Estes conceitos nos auxiliam na investigação para compreender a incessante repetição nas relações violentas por parte da mulher que permanece sem conseguir rompê-las. Além disso, abordamos as escolhas amorosas e seu caráter inconsciente; e suas relações com seus objetos de amor. Finalizamos o capítulo apresentando a percepção lacaniana sobre o feminino e o conceito de devastação nas relações amorosas, de maneira a observarmos a posição de assujeitamento da mulher perante os relacionamentos amorosos violentos.

### 1.1. Breve contextualização sobre a construção da feminilidade na teoria psicanalítica

A feminilidade, de acordo com Birman (1999), não é sinônimo do feminino ou de ser mulher, mas de um registro psíquico que evidencia a falta e que se articula com a lógica do falo. Com isto posto, debruçaremos-nos sobre as obras de Freud, a fim de compreender como a feminilidade é compreendida inicialmente na psicanálise.

Em *A organização genital infantil*, Freud (1923/2011) debate a ideia da primazia do falo, ou seja, o falo como organizador da sexualidade infantil. Em um primeiro momento não há diferenciação entre os sexos, o que existe é a crença de que todos possuem o falo. É a partir da curiosidade infantil com o órgão sexual que o menino descobre que existem pessoas que não o possuem. A mulher não é vista como possuidora de algo, tendo em vista que — no interior de uma lógica fálica — a vagina não tem registro psíquico sexual. Não há legitimação do seu próprio órgão como algo que possa defini-la, ela tida como alguém que não possui o falo, aquela

a quem falta *algo*. Não existindo o feminino ou o masculino, a definição é sempre centrada na distinção entre os que possuem e os que não possuem o falo.

Nessa descoberta das diferenças sexuais, o menino recusa a visão da falta e elabora imaginariamente possibilidades para aquela ausência, como a de que o pênis ainda crescerá, bem como acredita que sua mãe o possui, ou que a ausência do falo se deu como forma de punição, o resultado de uma castração (COSTA, 2010). A partir da percepção da diferença sexual, o menino é introduzido no complexo de Édipo, tendo como objeto amoroso a mãe, a quem são dirigidas fantasias. Por conta das ameaças de castração por parte do pai e da angústia da privação do falo, o menino renuncia a seu objeto de amor (COSTA, 2010). É com a angústia de castração que, segundo Costa (2010), acontece a dissolução do complexo de Édipo no menino, que rompe tanto com a “a ligação erótica com a mãe quanto com a ligação amorosa com o pai” (p. 34).

Em *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud (1924a/2011) mostra que o desenvolvimento psíquico acontece de forma distinta na menina. Ela possui o clitóris, que seria um similar ao pênis; porém, ao se deparar com os meninos, sente-se inferior. Como observa que o seu “pênis” não cresce à medida que se torna mais velha, vivenciando, portanto, a castração como um fato consumado, e desvinculando-se, assim, da angústia da castração.

Com a entrada no complexo de Édipo, a menina tem o pai como seu objeto de investimento e deseja gerar um filho seu. Interessante discutir que, nesse texto, Freud aborda que o desejo da mulher de possuir um filho continua sendo investido inconscientemente. Nas palavras do autor, “ajuda a preparar o ser feminino para o seu futuro papel sexual” (FREUD, 1924a/2011 p. 189), o que nos apresenta a visão da maternidade como uma forma natural do desenvolvimento de toda mulher, da qual, aparentemente, não há como escapar.

Já em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, Freud (1925/2011), discute que, na fase pré-edípica, tanto para o menino quanto para a menina, a mãe constitui o primeiro objeto de amor. Na fase fálica, a menina, ao observar o pênis do menino, reconhece seu órgão como pequeno e inferior, e, assim, surge a “inveja do pênis”, que se faz de extrema importância para todo o desenvolvimento psíquico da menina. Ao observar-se como não possuidora e desejar ter um pênis, o complexo de masculinidade se faz presente, à medida que, ao agir como homem, a menina tem a esperança de conseguir um pênis. Como não consegue obtê-lo, a mulher tem sua ferida narcísica alimentada por um sentimento de inferioridade em relação ao próprio sexo, sentimento esse que também é compartilhado pelos homens no que tange o sexo feminino. A segunda consequência da inveja do pênis é o ciúme,

que Freud aborda como característica que continua a se manter presente na vida psíquica da mulher.

Uma terceira consequência apresentada pelo autor diz respeito à renúncia do objeto materno, haja visto que há uma culpabilização da mãe, por parte da menina, por não a ter dado um pênis. Um outro efeito da inveja do pênis, destacado por Freud (1925/2011), é a relação mais afastada da mulher com a masturbação, pois há uma recusa diante da ferida narcísica, tendo em vista que o clitóris representa para a menina um lembrete de que não se equipara ao menino e ao seu falo.

O caminho descrito anteriormente, segundo Freud (1925), faz com que a menina se afaste do masculino e desenvolva sua feminilidade. Na menina, ao contrário do que ocorre com o menino, o complexo de castração precede o complexo de Édipo. Note-se que, para Freud (1925/2011), o complexo de castração se apresenta como um processo de construção da feminilidade, como forma de abrir portas para esse caminho. Segundo Poli (2007), a feminilidade surge quando a menina direciona seu desejo de possuir um filho-falo a um outro homem, retornando, dessa forma, a uma posição passiva.

Ao final deste artigo, elucida-se que o Supereu feminino, segundo Freud (1925/2011), apresenta um prejuízo em sua formação, pois, diferentemente do que ocorre com o menino, não há uma dissolução específica do complexo de Édipo no que concerne ao sexo feminino. Aqui, o autor aponta a tendência de a mulher ser mais afetiva, apresentar menos senso de justiça, menos agressividade e ter menor inclinação às grandes exigências da vida, o que se dá devido a um Supereu frágil. Evidencia, também, a questão da bissexualidade primária de todos os sujeitos, ou seja, o fato de que ninguém é detentor de uma masculinidade ou feminilidade puras, sendo o campo do sexual constituído pela presença de características femininas e masculinas.

É no texto *Sobre a sexualidade feminina* que Freud (1931/2010) explicita, de forma mais detalhada, o desenvolvimento psíquico e sexual da mulher. As duas grandes transformações discutidas que ocorrem na menina são: (i) a mudança da zona genital, do clitóris para a vagina; e (ii) a troca do objeto amoroso da mãe para o pai. Segundo Kehl (2016), a mulher se coloca em uma posição passiva, de forma temporária, a fim de receber em troca o filho-falo, que é do seu interesse.

De modo mais conciso, Freud (1931/2010) apresenta três orientações do desenvolvimento da mulher: (i) a primeira, leva à frigidez, ou seja, a renúncia da sexualidade em geral; (ii) a segunda consiste em apegar-se à masculinidade ameaçada e à esperança de ter um pênis; e a (iii) terceira é o que se considera como “configuração feminina normal” (p. 207),

que se depreende na maternidade e no desejo de ser mãe, de forma a tomar o pai como novo objeto e entrar no complexo de Édipo.

Sobre esse último “caminho”, alguns questionamentos são levantados, acerca do papel da mulher na sociedade e, ainda, da cobrança da maternidade. Será que o caminho possível para a feminilidade passaria, indubitavelmente, pela maternidade? Aliás, nas próprias consequências da formação do Supereu, explicitadas anteriormente, vemos uma possível indicação do lugar que a sociedade destinava — podemos dizer que atualmente isso ainda ocorre — às mulheres, sendo a elas designado o lugar do afeto, dos ciúmes, do privado e do doméstico.

A fase pré-ediapiana, de intenso amor à mãe, é de extrema importância e reflete-se na fase posterior do desenvolvimento, na qual a menina volta-se para o pai, e em todas as relações futuras dessa menina, inclusive as amorosas (FREUD, 1931/2010). Com isso, notamos que, para alcançar o caminho do feminino, a menina ama, em um primeiro momento, sua mãe, e, posteriormente, passa a odiá-la, desvelando a ambivalência constitutiva da relação mãe-filha. (FREUD, 1931/2010).

Segundo Freud (1933), a escolha do parceiro amoroso pela mulher tem origem nas relações com sua mãe e de uma identificação que pode ser revivida no casamento. Assim, os futuros relacionamentos são como reencontros, estabelecidos com o primeiro objeto amoroso, a mãe, que volta na relação conjugal com o parceiro. A escolha do parceiro e o relacionamento são perpassados, então, por traços inconscientes.

Freud (1910/2013), em *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (Contribuições à psicologia do amor I)*, elabora que o homem possui condições na escolha da parceira amorosa. A primeira condição da escolha de seu objeto sexual está relacionada à existência de um terceiro que será prejudicado: é necessário que um outro homem seja seu rival perante a conquista dessa mulher. Caso a mulher esteja livre, solteira ou não esteja em uma relação com outro, deixará de ser seu objeto de encantamento.

A segunda condição discutida por Freud (1910/2013) é a de que haja dúvidas a respeito da reputação da mulher, não sendo vista como pura. É a partir dos questionamentos sobre a moralidade desta mulher que ela pode ser tomada como objeto amoroso e de fascínio por parte do homem, sendo até mesmo denominada de “amor de prostituta” (p.261).

Depois de passadas as condições e a conquista da mulher escolhida, o homem age de forma a supervalorizar o seu objeto, tomando-o como um item valiosíssimo. Essa situação se repete com a mesma intensidade várias vezes durante a vida do homem. Outro ponto que tende a se manifestar é o desejo de salvar a mulher, sendo ela observada como aquela que necessita ser salva por ele.

Nas mulheres, a necessidade de supervalorização do objeto amoroso não é observada como no caso dos homens, na medida que o amor e o desejo depositam-se no mesmo objeto amoroso (MILLER, 2010 apud KUSS, 2014).

De acordo com Zanello (2018), estar em uma relação amorosa é mais necessário à mulher, tendo em vista que ela só seria, de fato, feliz/completa se estivesse em um casamento, sendo vista como pertencente a alguém, como se o casamento fosse a meta master da vida de toda mulher.

Além disso, ser escolhida por um homem é o que a afirma como mulher perante todos, em especial a outras mulheres. Dessa maneira, seu valor encontra-se ali: em ser *A escolhida*, a grande felizarda diante de uma “prateleira do amor” (ZANELLO, 2018, p. 84), na qual outras mulheres estão expostas e disponíveis a esse olhar masculino.

Assim, se elas são avaliadas, por um lado, em função de sua beleza (e de seu comportamento/performances), por outro, a prateleira do amor, no dispositivo amoroso, outorga o lugar de avaliadores aos homens. São eles que avaliam física e moralmente as mulheres. (p. 89)

Essa metáfora da “prateleira do amor” que Zanello (2018) apresenta é extremamente didática para pensarmos na posição em que a mulher é posta na sociedade, tal qual um objeto a ser exposto e escolhido, ou seja, continuar nessa posição de passividade. Revestidas de máscaras e semblantes de feminilidades que possam, de alguma forma, atuar como causa do desejo (*a*) e capturar o olhar daquele outro. As escolhas são reservadas apenas aos homens, e às mulheres reserva-se a necessidade de se adequarem a um padrão de beleza para, assim, “conseguirem” ser eleitas por aqueles.

A partir do exposto, é necessário à discussão apresentar os conceitos de trauma e compulsão à repetição, como forma de compreendermos a relação entre os eventos traumáticos que podem influenciar a permanência das mulheres em relacionamentos violentos.

## **1.2. O trauma e a compulsão à repetição**

Como citado na seção anterior, as escolhas amorosas são atravessadas por traços conscientes e inconscientes, sendo esses influenciados pelas vivências familiares que o sujeito teve durante sua vida.

Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920/2010) apresenta a relação da compulsão à repetição com as forças pulsionais, tendo em vista que a repetição atua como tendência de conservação, visando a manutenção do nível energético do aparelho no menor patamar possível.

Segundo Rudge (2009), a compulsão à repetição é um processo mais básico que o princípio do prazer, respondendo a situações traumáticas e de grande sofrimento. Ou seja, é mais primitivo que o princípio do prazer, haja visto que as experiências repetidas são desagradáveis, e, mesmo no passado, nunca foram prazerosas, contradizendo "aparentemente" a evitação do desprazer característico do princípio do prazer.

É durante uma brincadeira infantil do seu neto, um garoto de dezoito meses, que Freud (1920/2010) observa e reflete sobre o jogo que chamou de *Fort-da*. A criança joga para longe de si o carretel, emitindo um som quando esse desaparecia completamente, e, posteriormente, puxava o cordão fazendo com que o objeto voltasse às suas vistas, emitindo outro som. Com esse jogo, o autor percebe a repetição de uma experiência não prazerosa por parte do menino, que afasta e aproxima repetidamente seu objeto de satisfação, simbolicamente representando a ausência e presença da mãe.

Freud (1920/2010) pontua que a repetição é fonte de prazer através do encontro com o idêntico, não contrariando, dessa forma, o princípio do prazer, tal como uma criança que não se cansa de repetir a mesma brincadeira com um adulto ou de ouvir uma mesma história,

Laplanche e Pontalis (2001) definem a compulsão à repetição como um processo inconsciente no qual o sujeito vivencia, repetidamente, experiências de sofrimento, sem tomar consciência dos atuais comportamentos, nem da origem desses. A partir disso, compreendemos a compulsão como uma tentativa de elaboração de um acontecimento traumático passado no psiquismo, que foi reprimido e retorna sob a forma de ações (FREUD, 1914/2010).

Dessa forma, diante da impossibilidade de simbolizar um acontecimento traumático, a compulsão de morte faz com que o sujeito o repita compulsivamente, sem que seja possível perceber e nem conseguir elaborar o que está se repetindo. Apesar de a experiência ser um sucessivo retorno a uma situação de sofrimento, a repetição também apresenta um caráter de satisfação; ali onde há desprazer, é possível obter um prazer de outro tipo (FREUD, 1920/2010).

Com relação à noção de trauma, há diversas modificações ao longo da obra de Freud. Em um primeiro momento, o autor relaciona o trauma à teoria da sedução, apontando que os sujeitos vivenciaram uma experiência traumática durante a infância, a qual não foi elaborada. Essa experiência sexual traumática, que ocorreu de forma precoce, foi recalcada e desencadearia uma neurose no sujeito adulto, se um trauma recente constituísse uma relação associativa com aquele primeiro trauma da infância (RUDGE, 2009).

Posteriormente, Freud apresenta a teoria da fantasia, que, segundo Rudge (2009), considera que as cenas sexuais infantis recordadas pelos analisandos continham tanto partes de fantasias quanto de acontecimentos reais, sendo impossível distingui-los. As lembranças

conscientes são constituídas tanto pelos acontecimentos reais quanto por fantasias, sendo que essas fantasias aparecem como forma de cobrir lacunas de memórias devido à dificuldade de se recordar lembranças muito infantis (RUDGE, 2009).

É a partir das neuroses traumáticas que Freud (1916/2014) retorna à ideia de trauma, relacionando-o com a compulsão à repetição. De acordo com Freud (1916/2014), nas neuroses é possível observar uma fixação no evento traumático ocorrido; o sujeito, ao invés de esquecer, acaba sonhando repetidamente com a situação, como uma forma de descarregar a energia que se encontra acumulada no psiquismo.

O trauma, então, estaria ligado a acontecimentos externos fortes, a ponto de transpassar a proteção do aparelho psíquico, o que gera uma perturbação no psiquismo (FREUD, 1920/2010). A compulsão a repetir se dá como uma fixação e escancara vestígios de um trauma, que não foi simbolizado e é recalçado, submetendo o sujeito a um encadeamento de repetições.

Com isso, segundo Paim Filho (2010), essa repetição, que está além do princípio do prazer, liga-se a uma pulsão de morte e faz com que o trauma seja repetido compulsivamente pelo sujeito.

### **1.3 A pulsão de morte e o masoquismo**

Como observamos na seção anterior, a compulsão à repetição está diretamente ligada à pulsão de morte. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), a pulsão de morte conduz o psiquismo a uma descarga de energia, à inércia e caracteriza-se por ser se opor à pulsão de vida; contudo, elas não se excluem, mas agem conjuntamente. Esse estado de energia equilibrada que a pulsão de morte busca diz respeito à sua natureza conservadora e, de acordo com Jorge (2000), está ligada à tendência de repetição do sujeito.

Uma parte da pulsão de morte é dirigida ao próprio sujeito, não sendo deslocada para fora. Relaciona-se a uma autoagressão e, através da excitação sexual, liga-se à libido, sendo esse fenômeno caracterizado como masoquismo primordial. Já a outra parte da pulsão é externalizada através do sadismo, sendo dirigida ao mundo exterior sob a forma de pulsões de agressividade (FREUD, 1924b/2011), como meio de proteger o próprio sujeito da violência.

A partir disso, podemos considerar que toda a agressividade que é destinada ao outro, como a questão da violência conjugal abordada neste estudo, esteve, primeiramente, voltada para si mesmo. Assim, ao destruir e agredir o outro, algo nele próprio também é agredido por essa violência.

Pensando através do olhar social, observamos que a agressividade assume um papel diferente para homens e mulheres desde crianças. A eles, a agressividade é permitida, até mesmo incentivada, quando dirigida aos outros; enquanto a elas é permitida apenas se for relacionada a autoagressividade (ZANELLO, 2018). Assim, podemos compreender, tendo em vista os conceitos discutidos ao longo do capítulo, que a pulsão de morte que se dirige ao mundo externo é reprimida e retorna ao sujeito, ela acontece de forma mais recorrente com as mulheres devido à pressão para serem mais contidas.

Quando a parte que foi externalizada é reintrojada, há um retorno do sadismo para a própria pessoa (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001), tem-se, assim, o fenômeno do masoquismo secundário, então essa energia fica concentrada no psiquismo. O masoquismo como mecanismo entra em questão porque o sujeito que, inicialmente, deveria livrar-se do aumento da tensão para aliviar o psiquismo, não só não evita o que lhe é desprazeroso, como também acumula essa tensão. Freud (1924b/2011) discute sobre as três formas como o masoquismo se apresenta: erógena, feminino e moral. A primeira constitui-se como o prazer na dor e serve de base para os outros dois tipos, que abordaremos em seguida.

A segunda forma é o masoquismo feminino. Freud (1924b/2011) discute que esse tipo é o mais fácil de se observar nas relações e diz respeito a uma natureza feminina, não sendo, porém, inerente, e não se restringe ao sexo feminino. O autor aborda que há, nessas fantasias masoquistas, características femininas relacionadas à passividade e aos “traços negativos” que se relacionam com a castração. O masoquista, assim, deseja ser “tratado como uma criança pequena, desamparada e dependente, mas especialmente como uma criança mal comportada” (p.169).

Temos, por fim, o último tipo apresentado por Freud (1924b/2011), o masoquismo moral. Esse foi classificado pelo autor como o mais importante, pois relaciona-se com o sentimento de culpa inconsciente. O sujeito coloca-se em posição de submissão — posição masoquista — porque acredita necessitar de punição, seja advinda da pessoa amada, ou de qualquer outra fonte.

Com relação à passividade atribuída às mulheres, Kehl (2016) discute que Freud a associa, posteriormente, a uma consequência social e educativa da época, que desvincula e recalca a agressividade do sexo feminino. Sendo assim, a cultura ocidental, através de uma moral sexual que demanda a repressão da vida sexual em sociedade, favorece o aparecimento de doenças, como o “nervosismo moderno”, tal como abordado por Freud (1908/2015). A moral sexual estabelece que a atividade sexual só pode ser manifestada se consumada dentro do casamento (geralmente ligado à procriação), até lá, a abstinência sexual é imposta. Zanello

(2018) discute que a moral sexual, mesmo nas atuais configurações amorosas, demanda uma intensidade muito maior de dedicação por parte das mulheres do que dos homens, pois delas são cobrados sacrifícios e total compreensão.

Porém, essa mesma moral, que dita tais regras, cria uma dupla moral para o homem. Assim, a experiência sexual dos homens com outras mulheres é bem vista socialmente, enquanto a mulher é educada severamente a fim de preservar sua virgindade até o casamento. Fica até difícil saber se estamos mesmo discutindo a moral sexual presente no ano de 1908, quando Freud apresentou seu artigo, ou se falamos destes últimos anos que vivenciamos com campanhas ditas de políticas públicas, de ministras que pregam abstinência sexual como forma de “resolver” questões sobre gravidez na adolescência. O projeto “Eu escolhi esperar”, proposto pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, trata a abstinência sexual e a castidade como assuntos de políticas públicas; porém, torna-se mais uma forma de reprimir debates sobre a educação sexual do que, de fato, algo que visa auxiliar os adolescentes (BRASIL DE FATO, 2020). Apresentar esse tipo de proposta nada mais é do que continuar alimentando a máquina do patriarcado que acarreta a culpa da gravidez, precoce ou não, às mulheres, e vincular o sexo novamente à reprodução, ao defender o sexo após o casamento.

Voltando à questão do masoquismo, notamos que, enquanto o masoquismo moral está relacionado a uma questão social, o masoquismo feminino liga-se à posição do sujeito frente ao relacionamento com o outro. Segundo Soler (2005), o que há em comum entre um masoquista e uma mulher é que, em seus pares com o parceiro desejante, ambos colocam-se em posição de objeto do desejo de um outro.

#### **1.4. A (in)definição do feminino na psicanálise e a devastação**

Lacan (1998) questiona se o masoquismo feminino seria então uma fantasia do desejo masculino, isto é, se a posição masoquista refere-se a uma máscara que visa capturar o desejo do homem. Assim, de acordo com Soler (2005), a mulher assume uma posição masoquista para “se dar ares de mulher” (p. 66), utilizando o masoquismo como uma das máscaras para ser uma mulher, ou “mulher de um homem”, visto que não teria como ser “A mulher”. Lacan se utiliza do conceito de “devastação”, e não mais de masoquismo como Freud, para apontar a forma com que a mulher se coloca perante o amor, que diz respeito à entrega ao Outro como modo de conseguir obter um gozo (CHATELARD, s.d).

Segundo Miller (2016), o desejo do homem passa pelo gozo, enquanto o da mulher passa pelo amor. Pensando nisso, Miller (2016), a partir de Lacan, destaca que o homem toma seu

objeto como um fetiche, estabelecendo “condições” para o objeto-causa-desejo. Assim, o homem ama determinada característica da mulher.

Já com relação à mulher, seu desejo é classificado como erotomaníaco. A erotomania não exige condições como o fetiche, porém, exige que Outro fale (MILLER, 2016), pois é a partir das palavras do homem que a mulher sabe que é amada. Complementamos com a explicação de Sartori (2009):

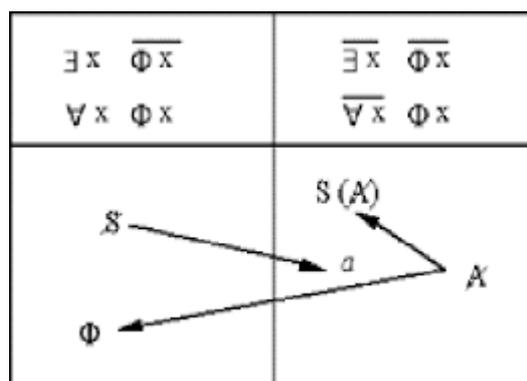
A mulher goza dela mesma através do desejo do homem por ela. Assim, ela pedirá novas provas de amor, em função de sua relação vacilante com os semblantes e erotômana com o gozo. E o homem, ao dizer o que ela precisa ouvir, reafirma o amor. E isso se produz infinitamente (p.116).

Assim, no desejo de ser amada pelo outro, “preenche” as condições para que seja amada por aquilo que não é (SOUZA, 2011). A mulher, então, reveste-se dessas condições colocadas pelo desejo masculino e mostra-se como completa a esse outro, visando ser desejada por ele. É a partir da “mascarada” que, segundo Barros e Ligeiro (2019), a mulher logra êxito em ocultar sua falta. Falta essa que se liga ao que Lacan (1971-1972/2003) propunha no aforismo “a mulher não existe”, no sentido de que não há uma categoria universal que permita definir “todas” as mulheres, ou seja, não há um significante que unifique o campo do feminino.

Conforme foi abordado na seção anterior, Freud (1931/2010) pontua que o inconsciente possui apenas um registro psíquico sexual: o do ter ou não o falo. Lacan retoma essa ideia freudiana ao abordar que o homem existe, ou seja, há significante universal que engloba os homens dentro da lógica fálica, enquanto a mulher é tida como não-toda, por não possuir uma definição e obter um gozo que está para além do fálico.

Lacan (1972-1973/1985) não baseia a divisão entre os sexos no sentido biológico, mas sim de uma posição do sujeito a partir de seu gozo: fálico e não-todo. Como podemos observar na tábua da sexuação proposta por Lacan no *Seminário 20, Mais ainda*:

Figura 1. Tábua da sexuação



Fonte: Lacan, 1972-1973/1985. p. 105

Considera-se o lado esquerdo como o lado masculino: ali o sujeito encontra-se em função do falo, de modo que seu gozo se articula através da lógica fálica. A flecha atravessa até o outro lado, em busca do objeto  $a$ , buscando na mulher seu objeto-causa-do-desejo. Lacan (1972-1973/1985) nomeia esta forma de gozar do homem como “gozo do idiota” (p.109), na medida em que o ele goza do órgão.

O lado direito diz respeito ao feminino, “parte mulher dos seres falantes” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 107), onde todos estão submetidos a castração. O A barrado ( $\bar{A}$ ) é o significante que, ao não se inscrever no campo do universal evidencia a posição não-toda da mulher (LACAN, 1972-1973/1985). As setas que partem do A barrado ( $\bar{A}$ ) se direcionam tanto para o lado esquerdo da tábua, demonstrando que há uma parte do gozo que está inserida na lógica fálica, quanto para o  $S(\bar{A})$ , que aponta para o gozo Outro, um gozo que beira o ilimitado. Esse último é encontrado apenas no lado direito da tábua.

Segundo Miller (2010):

“A mulher não existe” não significa que o lugar da mulher não exista, mas que esse lugar permanece essencialmente vazio. E o fato de ele ficar vazio não impede que algo possa ser encontrado ali. Nesse lugar se encontram somente máscaras; máscaras do nada, suficientes para justificar a conexão entre mulheres e semblantes. [...] Nesse sentido, chamamos de mulheres esses sujeitos que têm uma relação essencial com o nada. Trata-se de uma expressão prudente, de minha parte, porque todo sujeito, tal como Lacan o define, tem uma relação com o nada. Mas, de certo modo, esses sujeitos que são mulheres têm uma relação mais essencial, mais próxima com o nada (p. 2).

As máscaras são encontradas, assim, como forma de velar esses lugares vazios, e é na ausência de um significante, como pontuamos anteriormente, que se oferece, à mulher, um acesso a um gozo que não é simbolizado e do qual ela não tem conhecimento, tendo também, a partir disso, uma relação de proximidade com o real (LACAN, 1972-1973/1985). Nesse sentido, Lacan (1972-1973/1985) nos diz que “é justamente pelo fato de que, por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar” (p.99).

As características que seriam próprias da feminilidade e comuns a todas as mulheres, dessa forma, não existem. Cada mulher busca, de forma individual, mas ao mesmo tempo tendo como referência umas às outras, o seu semblante, sua máscara sobre o que é ser mulher, inventando suas próprias insígnias femininas. Bonfim e Vidal (2009) afirmam que cada mulher busca no corpo da outra um traço de feminilidade que possa funcionar como suporte para a identificação imaginária. É a partir de um semblante feminino, que mascara o vazio da identificação, que a mulher performa características de um tipo ideal de ser mulher para se constituir como objeto-causa-de-desejo do homem.

A feminilidade revestida por essas máscaras poderia estar ligada a uma defesa contra a angústia. Transveste-se daquilo que falta ao homem para ser desejada, mostrando ao outro aquilo que ela própria não possui. O que observamos é que a mulher se reveste de uma máscara a fim de suprir o desejo do homem, colocando-se, de forma ativa, em uma posição passiva, inclusive utilizando-se da máscara de masoquista para reconhecer-se como mulher (SOLER, 2005).

A partir do que foi exposto até aqui, cabe questionarmos, tal qual Ribeiro e Pinto (2012), se a devastação então seria uma consequência dessa forma de amar do feminino. Lacan se utiliza do conceito de devastação em dois momentos de sua obra. Em um primeiro, associa-o   rela o mãe-filha (LACAN, 1972/2003). De acordo com Soler (2005), com a contínua liga o mãe-filha, a menina permanece em um lugar de assujeitamento ao desejo do outro e repete esse lugar em suas futuras rela es amorosas. A mãe, localizada na posi o de objeto amoroso dessa criança, coloca a filha em uma papel de submissão, fazendo com que a menina, dessa forma, continue em uma posi o de objeto de desejo materno, posi o essa que demanda suprir a falta.   dessa rela o que a menina “parece esperar mais substância que do pai” (LACAN, 1972/2003, p. 465), ou seja, espera receber dessa mãe um traço de identifica o da feminilidade

Em um segundo momento, observamos o conceito de devastação ligado às rela es amorosas (LACAN, 1975-1976/2007), no postulado de que a mulher se apresenta para o homem como *sinthoma*, enquanto “o homem [...]   uma afli o pior que um *sinthoma*” (p. 98), seria uma devastação para a mulher. Ferreira (2015) explica que “quanto   devastação na parceria amorosa, ela se expressa por meio da demanda desmedida das mulheres àquele que elas supõem que possa responder sobre o seu ser de mulher” (p. 12), pois espera que este homem, através da parceria amorosa, a defina como mulher, já que a mãe não lhe transmitiu esse significante. Assim, o homem revela-se   mulher como “engano do amor” (DRUMMOND, 2011), visto que não supre a demanda de amor que a mulher anseia.

Zalberg (2013) indica que o amor   um dos semblantes que a mulher se utiliza a fim de tamponar a falta do significante, porém, quando o semblante fracassa,   a devastação que toma lugar na rela o. As manifesta es clínicas da devastação aparecem de formas diversas, segundo Zalberg (2013), como desorienta o, angústia profunda e até como forma de depressão. Nesse sentido, Miller (2016) pontua que as devasta es não podem ser classificadas de forma específica: “O que chamamos de devastar uma região?   quando nos entregamos a uma depreda o que se estende a tudo. Não no sentido pequeno; tudo bem completo.   uma depreda o sem limites.” (p. 18). A partir disso, podemos concluir que tal qual uma demanda de amor infinita, a devasta o se apresenta também sem limites.

Este capítulo teve o intuito de apresentar conceitos que nos auxiliem a estabelecer relações entre a permanência em parcerias amorosas violentas e a compulsão a repetição. Além de compreender a influência das situações traumáticas na vida do sujeito e a posição que a mulher ocupa nas parcerias amorosas. Tendo como base os conceitos trabalhados, apresentaremos as análises dos relatos das participantes a fim de compreendermos os conflitos psíquicos implicados nas relações violentas.

## MÉTODO

Este projeto tem como base os princípios metodológicos da Análise de Discurso, em articulação com as contribuições teórico-clínicas da psicanálise.

Segundo Orlandi (2009), a análise de discurso busca compreender a linguagem dentro de uma estrutura simbólica, abordando elementos da história de vida do sujeito e todo o contexto no qual ele vive. O conceito de discurso é visto, de acordo com Orlandi (2009), como uma linguagem que está em movimento, ou seja, todo conteúdo simbólico que está inserido na fala de um sujeito. Assim, observa-se que a análise de discurso não se restringe à gramática e ao que é dito, mas abrange tudo que acrescenta sentido ao discurso, como gestos, a escolha das palavras, tom de voz.

A autora desenvolve que o discurso se apresenta a partir da articulação entre três elementos: a língua, com a qual o sujeito se expressa no mundo ao seu redor e constrói sentidos; a história, que diz respeito ao histórico de vida que o sujeito constitui sua linguagem e o modo como se relaciona com o outro; e a ideologia, que se refere ao conjunto de representações sociais que influenciam o sujeito, inconscientemente, no modo de dizer. Assim, é através da linguagem que a ideologia se manifesta.

Segundo Rosa e Domingues (2010), a psicanálise fora do campo da clínica é nomeada, por Lacan, de psicanálise “em extensão”, visto que a pesquisa com viés psicanalítico aborda fenômenos que extrapolam o contexto clínico, como sociais e políticos.

De acordo com Enriquez (2005 apud ROSA; DOMINGUES, 2010), a psicanálise e a sociologia possuem um objeto de estudo em comum, assim, enquanto a sociologia visa as interações sociais, a psicanálise se fixa na dimensão inconsciente do sujeito, a qual “abrange o modo como os sujeitos se enredam nos fenômenos sociais e empreendem ações coletivas” (p. 181). Diante disso, a psicanálise não é observada de forma isolada, mas é indissociável do campo social (ENRIQUEZ 2005 apud ROSA; DOMINGUES, 2010). A partir disso, entendemos que a escuta psicanalítica pode ocorrer em diálogos, entrevistas e não necessariamente apenas na clínica, pois o sujeito do inconsciente se manifesta seja qual for a enunciação (ROSA; DOMINGUES, 2010).

### **2.1 Procedimentos de coleta de dados**

Inicialmente, o projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética do UniCeub. Após a aprovação, foi realizado o recrutamento dos participantes através de convite verbal em

um grupo reflexivo voltado a mulheres vítimas de violência doméstica. Participaram desta pesquisa três mulheres maiores de 18 anos que estavam separadas de seus companheiros, autores de violência.

Após aceitação das participantes, foi solicitada a assinatura do TCLE para a realização das entrevistas. Em seguida, foram agendadas e realizadas duas entrevistas virtuais, via Google Meet, de forma que as três participantes estivessem presentes. As entrevistas foram realizadas a partir do roteiro de perguntas (Anexo A) que permitia que as participantes discutissem sobre suas vivências na relação conjugal.

Além disso, foi também realizada uma entrevista semiestruturada com uma das participantes. Assim, após assinatura de TCLE, a entrevista foi realizada, via Google Meet, a partir de um outro roteiro de perguntas semiestruturadas (Anexo B), que tratou de modo mais detalhado a vida pessoal da participante, levantando narrativas da infância e relação com os pais.

Todos os encontros foram gravados, com o devido consentimento das participantes e, posteriormente, transcritos para a análise.

## **2.2 Procedimentos de análise**

Para a análise do material, serão adotados os seguintes procedimentos: (i) identificar as posições subjetivas dos participantes no discurso; (ii) localizar pontos de interrupção da fala, atos falhos, esquecimentos, repetições, paráfrases, metáforas e metonímias; (iii) evidenciar os mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos; (iv) levantar hipóteses sobre os não ditos presentes nas falas dos entrevistados; (v) analisar as cadeias associativas em torno das quais se estruturam as falas dos participantes; (vi) identificar elementos de expressão não verbal.

## CAPÍTULO II - “NÃO SOMOS LOUCAS, SOMOS MULHERES!”

Neste capítulo serão analisados os discursos das participantes da pesquisa que, apesar de tudo, não se calam e seguem na resistência de terem suas falas escutadas não só por elas, mas por todas as outras que ainda vivem silenciadas.

A pesquisa contou com a participação de três mulheres que se encontravam em situação de violência doméstica. Cabe ressaltar também a condição de vulnerabilidade social que as mulheres participantes se encontram. Dessa forma, todas as participantes, atualmente, são assistidas pelas Redes de Proteção e de Assistência do Distrito Federal.

A partir disso, foram realizadas duas entrevistas com as participantes, objetivando explorar questões relacionadas ao início do relacionamento e a progressão da violência. Também foi realizado um encontro individual com uma das participantes, visando compreender de forma mais aprofundada questões referentes à infância, relação com os pais e com o ex-companheiro.

A primeira participante foi Agnes<sup>1</sup>, 43 anos, Bacharel em Direito. Permaneceu no relacionamento com o companheiro por 23 anos, permeado por diversas violências. Conheceu o companheiro quando tinha 17 anos. Dessa relação, possui duas filhas. Separou-se há cerca de 2 anos<sup>2</sup> e aguarda separação jurídica. Não tem registro de boletim de ocorrência e medida protetiva em desfavor do ex-companheiro.

A outra participante foi Joana<sup>3</sup>, 40 anos. Vivenciou um relacionamento de 23 anos e está separada há 5 meses do ex-companheiro. Saiu de casa após um episódio de violência física. Possui três filhos. Registrou um boletim de ocorrência e solicitou medida protetiva. Em seu relato, ela diz que conheceu o companheiro quando tinha 16 anos e, logo no começo do namoro, percebia os seus ciúmes e agressividade; porém, em suas próprias palavras, “seguiu em frente.”

Por fim, a última participante da pesquisa, com quem também foi realizada a entrevista individual, é Fabiane,<sup>4</sup> 59 anos. Permaneceu no relacionamento por 40 anos, vivenciando diversas violências. Como a própria relatou, o ex-companheiro foi o primeiro e único homem com o qual se relacionou. Começaram a namorar quando Fabiane tinha 17 anos de idade, e o ex-companheiro, 23 anos. Pouco tempo depois, foram morar juntos — apesar de os pais da participante não aceitarem o relacionamento —, e, posteriormente, casaram-se. Fabiane

---

<sup>1</sup> Nome fictício criado para preservar a identidade da participante.

<sup>2</sup> Período que remete à data da entrevista.

<sup>3</sup> Nome fictício criado para preservar a identidade da participante.

<sup>4</sup> Nome fictício criado para preservar a identidade da participante.

separou-se do companheiro há 7 meses. Possui duas filhas dessa relação, que já são maiores de idade e casadas. Registrou boletim de ocorrência, e solicitou, também, medida protetiva contra o ex-companheiro. A participante relatou que durante sua infância também vivenciou diversos episódios de violência doméstica por parte do genitor, que realizava uso abusivo de álcool, agredia a mãe, ela e seus irmãos. Com relação aos pais, Fabiane comenta:

Como eu vim de uma infância de muita violência, meu pai, eu só lembro do meu pai com violência, chegando bêbado e batendo na minha mãe, maltratando a gente. A minha mãe sofrendo em uma máquina de costura, sabe?, de muita coisa assim. Eu, a gente pensava, eu pensava que se eu casasse, se eu saísse dali, eu iria ser feliz. Eu ia começar minha casa, meu lar. *Então, praticamente o primeiro que apareceu e já quis casar comigo, eu já aceitei.*

Sobre a última frase do discurso, estabelecemos uma ligação com Zanello (2018), que discute sobre a necessidade de ser escolhida e afirmada diante do olhar de um homem. Essa foi a primeira oportunidade de ela ser reconhecida como mulher — ou de pelo menos sair da posição de filha —, de ser escolhida por um homem que quisesse se casar com ela — ou que a quis de algum modo —, por isso aceitou casar-se prontamente.

Acerca da dinâmica familiar, observamos que a fala da participante nos remete uma posição de assujeitamento dessa mãe, que, diante de várias violências acometidas contra ela e seus filhos, permanece na "máquina de costura", alienada, esvaziada de desejos. Ao mesmo tempo, ao longo dos discursos de Fabiane, é notável o quanto ela se identifica com sua mãe. Ao escolher o casamento como sua forma de saída, ou de salvação de toda a situação violenta que vivenciou, o mecanismo da repetição inconsciente atua, deixando seu resquício ali onde, de inúmeras outras opções que a participante poderia escolher, o sujeito repete em atos a situação traumática, sem ter consciência do que está repetindo. O uso da palavra “a gente” (tanto na fala acima quanto na fala que será apresentada a seguir) também reforça essa ideia da identificação, tendo em vista que não fica explícito no discurso quem seria essa “gente” mas ao mesmo tempo parece transmitir a ideia dessa junção dela e da mãe (ainda mais porque, apesar da participante ter um irmão, este quase não comparece em seus relatos). Dessa maneira, Fabiane se implica no discurso ao se retificar duas vezes, uma para incluir a mãe, aparentemente, e logo após, para colocar a si própria somente: “*Eu, a gente pensava, eu pensava*”. Observamos essa questão da identificação também na seguinte fala

A gente achava que era assim todos os casamentos, porque era assim que eu pensava quando era mais nova. “Meu deus, casamento era isso mesmo. *Minha mãe passava por isso, e agora eu.* Isso é o casamento. Isso é a vida e tem que ser assim e vamos.” E não é né? Não é.

Aqui notamos presentes esses traços identificatórios, na medida em que o discurso da participante percebe a posição da mãe e a sua própria dentro da relação. A identificação é, de acordo com Freud (1921/2011), um mecanismo de ligação afetiva, de caráter ambivalente, que está presente desde bem cedo na vida do sujeito, em especial no complexo de Édipo. Freud (1921/2011) aborda que o indivíduo é influenciado por todas as relações que o atravessam - pais, irmãos, amigos, professores - e é a partir delas que o sujeito elege, inconscientemente, um Outro como “modelo, objeto, auxiliador e adversário” (p. 10) a ser seguido e toma para si algum traço, o que podemos associar com a seguinte expressão da participante: “*Minha mãe passava por isso, e agora eu*”, apesar da associação estar a nível consciente atualmente, podemos supor que no passado não havia essa consciência dos atos.

No discurso anterior, temos o casamento como o único meio de salvação, já nessa fala interpretamos que a participante tem quase como um caminho destinado toda a violência que sofrerá. Vemos, então, o mecanismo da repetição, tal como Laplanche e Pontalis (2001) apontam, sendo um processo no qual o sujeito vivencia situações de sofrimento sem ter consciência desses atos, assim, escolher se casar e, ao mesmo tempo, ter em mente que “casamento é isso” traz a noção de uma ideia que não conseguiu ser elaborada pelo sujeito e, como Freud (1914/2010) aborda, retorna sob forma de novas ações.

Do ponto de vista social, sobre essa tendência de fazer o casamento dar certo a todo custo, Zanello (2018) discute que o dispositivo amoroso direciona toda a responsabilidade do sucesso do relacionamento amoroso, em especial no casamento, sobre as mulheres. É delas o papel de “fazer dar certo”. Bassanezi (1996 apud ZANELLO, 2018) aborda que a boa esposa é aquela que fica quieta e não discute, sendo esse silenciamento uma forma de responsabilizar a mulher caso ocorram brigas e manter a relação amorosa.

Sobre sua relação com a mãe, a participante relata:

Eu tinha muita dó dela. Ela quase... ela era muito fechada. Eu tinha ciúmes da minha mãe, porque minha mãe tinha muitas outras filhas, eu era a mais velha e quase não sobrava carinho por mim. Mas eu amava minha mãe muito, muito, muito, muito.

Sempre quis proteger ela. Quando eu fiquei maior (6, 7 anos), meu pai *vinha* pra cima dela, eu não aceitava e entrava, aí ele me batia. Então eu apanhava muito, muito, do meu pai, porque eu sempre defendia a minha mãe.

Fabiane não percebe reciprocidade do amor da mãe, parece que existem tantas pessoas para a mãe amar que ela se sente desvalorizada, mas, mesmo assim, tem-lhe com um amor muito grande. Isso nos faz pensar no caráter ambivalente que novamente aparece referente à

figura materna. Freud (1921/2011) explica que a ambivalência pode se dar tanto por afeto de ternura, quanto por desejo de aniquilação do outro. Assim, no primeiro relato Fabiane evidencia o amor que tem pela mãe: “eu amava minha mãe muito muito muito muito”. Porém a relação de rivalidade com a mãe aparece em seu discurso na medida em que, ao enfatizar de forma tão acentuada o amor, parece tentar negar a existência de algum afeto negativo em relação à mãe. Freud (1913/2012) afirma que a ambivalência “sempre surge quando, além do carinho predominante, há uma corrente oposta mas inconsciente de hostilidade” (p. 56), fazendo com que o excesso de carinho se sobreponha e esconda os sentimentos hostis dirigidos ao objeto.

No segundo relato, Fabiane defendia a mãe frente às violências do pai ao entrar em sua frente, dessa forma compreendemos que a participante se colocava e ocupava o lugar da mãe na relação, chegando assim até a apanhar no lugar de sua mãe.

Interessante notar também que Fabiane, atualmente, relaciona os comportamentos do ex-companheiro com os do pai:

Como eu vim de um lar muito violento, de muita submissão, de violência física e todo tipo, rapidamente meu marido começou a se mostrar bem parecido com o meu pai, sabe?

Engraçado, acho que foi por isso que passei por esse casamento, sabe?. Porque, na minha relação de criança, eu aprendi a amar meu pai, mesmo ele fazendo todas as atrocidades que ele fazia, né. Foi o que aconteceu no meu casamento, mesmo meu marido fazendo todas as coisas ruins que ele fazia, eu achava que era uma coisa que era, que tinha que ser, que era normal porque minha infância era assim. Eu vi minha mãe, então eu tava vivendo uma vida bem parecida. Acho que isso também me afetou e me fez suportar todos esses anos.

Apesar de ser o primeiro e único relacionamento que Fabiane teve, como citado anteriormente, podemos notar aqui que o sujeito busca no parceiro características específicas em sua vida amorosa, que remetem-se aos modelos experienciados durante a infância (FREUD, 1912/2010). Freud nomeia essa busca de "clichê" e teoriza que isto é passível de ser observado repetidamente ao longo da vida do sujeito, “Isso resulta num clichê (ou vários), que no curso da vida é regularmente repetido, novamente impresso, na medida em que as circunstâncias externas e a natureza dos objetos amorosos acessíveis o permitem, e que sem dúvida não é inteiramente imutável diante de impressões recentes” (p. 101).

Como vimos no primeiro capítulo deste estudo, Freud (1931/2010) relaciona que as mulheres têm o pai como modelo de escolha de seus futuros parceiros amorosos, ou mesmo os colocam em seu lugar, mas é a relação para com a mãe que é revivida no relacionamento presente. Teorizamos assim que a relação de Fabiane com o marido se assemelha em vários

aspectos com a de sua mãe e seu pai tanto através da similaridade deste pai com o ex-companheiro quanto de sua própria posição simbólica na relação. Logo associa o modo de amar do pai ao do companheiro, relatando que sempre existiu amor, aproximando essas duas figuras masculinas pela forma semelhante de amar Fabine quanto pela maneira que a própria participante os ama.

Ainda no presente discurso, notamos e interpretamos que a violência ocorrida durante o período da infância e adolescência se configura como um ataque ao psiquismo da participante e pode atuar como uma situação traumática. Assim, a compulsão a repetir tende a ser a forma como o psiquismo, através de ações, tenta elaborar o acontecimento (FREUD, 1914/2010). Está ligada tanto à situação traumática quanto aos traços presentes no decorrer da vida da participante, que são identificados e revividos, no presente, com o parceiro amoroso, realizando essa associação entre as figuras masculinas de sua vida.

A semelhança entre sua situação e a de sua mãe nos respectivos relacionamentos amorosos, nos faz pensar em uma ideia de repetição entre as gerações familiares assim por sua mãe passar tudo isso com o marido, também Fabiane passou. Ao final, a participante relata que observar a mãe na relação também a afetou e isso, que nos aponta muito mais para a mãe do que para toda a situação que relatou sobre o sentimento amor-ódio com pai, foi o que a fez suportar todos os anos junto ao companheiro.

É curioso apontar que, apesar de todo o exposto, a participante apresenta sentimentos ambivalentes em relação ao pai:

Quando ele não tava bêbado, ele brincava com a gente. Ele era amoroso, corria, fazia graça. Tínhamos uma relação de amor com ele e ódio: amor porque ele era um pai muito legal, eu sempre amava meu pai, muito mesmo. Mas quando ele tava bêbado, ele ia pra cima da minha mãe, brigando, xingando ela, jogando as coisas no chão.

Essa relação amor-ódio nos remete às fases pré-edipiana e edipiana. Como vimos na seção 1.1 do capítulo anterior deste estudo, na fase pré-edipiana, a menina apresenta uma intensa ligação com a mãe e dirige afetos hostis ao pai enquanto no Édipo, tendo o pai como seu objeto amoroso (FREUD, 1931/2010). No relato, a ambivalência é pontuada pela própria participante que tem o pai legal, ao qual ela fala diretamente sobre o amor de forma acentuada e enfatizada. Porém ao relatar sobre o outro lado do pai, comenta seus comportamentos mas não chega a dizer de forma direta que o odeia. Esse afeto reprimido e não nomeado no discurso pode tanto ser uma dificuldade de admitir que sente algo ruim diante da autoridade violenta do

pai quanto uma pressão social que tende a condenar afetos ruins, especialmente ligados aos familiares.

### 3.1 O início: flores e espinhos

Nessa parte, apresentamos os discursos de todas as participantes acerca do início de seus relacionamentos. Os parceiros se tratavam de seus primeiros relacionamentos, como nos conta Joana: “Eu conheci o meu companheiro, eu tinha 16 anos. Logo no começo eu percebia a violência dele, mas segui em frente.”

A participante comenta que relacionava a violência do ex-companheiro a comportamentos adolescentes comuns, como ciúme, e que, como dito acima, seguiu em frente com o relacionamento apesar disso. Isso nos mostra que a violência acaba tendo uma ligação, socialmente construída, muito próxima com o amor, assim, “amar seria sofrer”, logo, se sofro, amo. Essa lógica, ainda difundida, faz com que mulheres não reconheçam as situações de agressão e violência que vivenciam, e, assim, permaneçam na relação.

Eu comecei a namorar com ele. Ai logo meu pai implicou, não deixava. E ele (companheiro) ficava só atrás de mim, sabe?. [...] Ele ia, me esperava na saída. E ficava querendo... falando que não ficava sem mim, que me amava, aquelas coisas. (Fabiane)

A fala de Fabiane, que também aborda o início do seu relacionamento, leva-nos a pensar nas condições amorosas que o homem estabelece para o seu objeto amoroso, assim, ao rivalizar com o pai da participante, o ex-companheiro tenta a todo custo “conseguir” o amor de Fabiane. Freud (1910/2013) pontua que a primeira condição para a escolha do objeto amoroso por parte do homem refere-se a prejudicar um terceiro, neste caso, poderíamos pensar no pai, que, como dito por Fabiane, não os deixava namorar e tinha ciúmes da filha, funcionando aqui como uma barreira para essa meta sexual, visto que não os deixavam namorar e tinha ciúmes da filha - e a quem o companheiro prejudicará ao tomar a participante como seu objeto amoroso.

Com relação às palavras do companheiro, Miller (2016) já explicava sobre a exigência da fala como parte do amor erotomaniaco relacionado ao lado feminino. Assim, quando o companheiro dirige falas de amor à mulher, afirmando que a tem tanto como seu objeto de desejo quanto de amor, a mulher sente-se amada.

À medida que o casamento foi “permitido” por esse pai, Fabiane declara que a relação começou a ficar diferente:

Quando a gente se casou, é engraçado, quando a gente se casou mesmo, papel tudo e foi embora, é muito estranho. Assim, eu já notei que ele começou a mudar um pouco, não tinha... Parece que é “agora já é minha mesmo. Não preciso mais ficar né...” (sorriso) *começou a viver normalmente.* (Fabiane)

A fala destacada no grifo, compreendemos que a vida normal dela estaria ligada aos afetos de agressividade, ciúmes, brigas. Dessa maneira, a vida diferente seria aquela em que a participante vivencia sentimentos positivos, como relatado pela participante anteriormente, durante o início do relacionamento.

Como discutido no capítulo anterior, o desejo da mulher é ser amada, como Freud (1933/2010) pontuava em seu artigo sobre a feminilidade, apresentando que ser amada é uma necessidade mais do que amar, o que beira uma forma erotomaniaca de amar na neurose (SOUZA, 2011). Tendo em vista que as correntes de afeto e sexuais têm como meta o mesmo objeto — a mulher deseja o amor daquele outro para conseguir obter um gozo —, o amor, então, torna-se elemento central na constituição psíquica da mulher, e quando esse amor não lhe é endereçado, poderíamos encontrar a face do desamparo ou da devastação (ZALCBERG, 2013).

A partir disso, cabe trazer para a nossa discussão as seguintes falas:

eu acabava fazendo as coisas que ele queria, não as coisas que eu queria, as coisas que a Agnes queria, entendeu? *Eu achava que ele tava fazendo aquilo porque era melhor pra nós*, e quando na verdade não era. [...] tipo assim, eu me culpava às vezes porque eu não trabalhava fora, eu não trazia nada pra dentro de casa, mas hoje na minha visão *eu sei que eu dei tudo que pôde, dentro da minha casa, na relação com minhas filhas, mas eu não fui valorizada por isso.* (Agnes)

E vendo a Síndrome de Estocolmo, eu pensei “eu me encaixo nela” (risos) “eu me encaixei nela perfeitamente”. Você fica tão dependente do seu carrasco, você fica tão dependente daquela pessoa que te faz sofrer. É como se você saísse debaixo da mão daquela pessoa você... não ia existir vida ali. (Fabiane)

A fala de Agnes nos faz pensar na devastação, na medida em que compreendemos que toda a doação afetiva que, aparentemente, a participante direciona ao seu ex-companheiro, não é recíproca. Assim, ao “dar tudo que pôde” em vários sentidos - o que apresenta a ideia de uma entrega total para o parceiro -, não observa que há sentimento de retorno desse amor, ou desse homem que foi colocado como um elemento central em sua vida, fazendo com que a devastação compareça na relação, tal como Souza e Vidal (2017) explicam que “ao perder o lugar que o amor lhe concede no desejo de um outro, uma mulher perde também algo de si” (p. 136).

O relato de Fabiane remete a face do amor e da devastação, ao pensarmos que a participante só acredita que existe vida se permanece debaixo daquela mão, tendo esta mão um

caráter ambivalente: a mesma que a protege, e a quem direciona uma demanda de amor; e a mão que castiga. O outro é tido então como aquele que, supostamente, dá-lhe garantias de proteção frente ao desamparo e, diante da entrega a este, a mulher depara-se com o nada, há o vazio da não reciprocidade. Assim, o parceiro não supre a falta que é demandada pelo amor erotomaniaco da mulher (SILVA E MARCOS, 2020), o que desvela a outra face da moeda: a devastação.

Outro ponto que nos faz refletir sobre a fala da participante, é a comparação de sua vida com a Síndrome de Estocolmo. Ao encaixar-se “perfeitamente” na síndrome então observa-se como vítima que, apesar de todo mal realizado, tem uma relação de dependência para com seu agressor. A isso, podemos associar com o fenômeno do masoquismo moral que diz respeito a uma relação de dependência/submissão que o sujeito se coloca por acreditar que precisa ser punido por um outro (FREUD, 1924b/2011). Também compreendemos que Fabiane vê-se como “refém” da relação, dependente dos desejos do carrasco/marido, já que o seu desejo parece esvaziado. Soler (2005) relata que a mulher, na posição de desejo do masculino, acaba por deixar seu próprio desejo escondido, isso nos leva a pensar a posição de assujeitamento que a participante, agora conscientemente, toma para si.

As vivências nos relacionamentos acarretaram alguns sintomas nas participantes. Com relação às manifestações não específicas da devastação que Miller (2016) pontua, apresentamos as seguintes falas:

Acabou que eu ficava muito muito mal, vivia nos pronto socorros achando que eu tava morrendo e tudo. Com um monte de sintomas. [...] Até que descobriram que eu tava com transtorno do pânico. É como se você tivesse dando infarto, como se você tivesse morrendo, como se alguém tivesse te enforcando (leva as mãos ao pescoço). (Fabiane)

Eu procurei meu psiquiatra, eu estava com meu corpo debilitado, minhas emoções debilitadas. E já estava sentindo umas coisas que eu sabia que era por conta da depressão e ansiedade, e antes que virasse uma síndrome do pânico, eu procurei o médico. (Agnes)

Observamos a “depreção sem limites” (MILLER, 2016) que a devastação causa nas relações amorosas a partir de desenvolvimento de sintomas psíquicos e manifestações corporais. Notamos que ambas comentam sobre um pânico que as acometem, assim quando a verbalização sobre as situações de violência não pode ser proferida, retorna de forma sintomática.

O pânico também nos remete a pensar em algo que é “mais”, algo de exagero, é mais que um medo, assim extrapolamos ao relacionar como um retorno do recalcado. Na medida em que essas “novas” vivências estão ligadas a acontecimentos traumáticos.

Além disso, a fala de Fabiane nos remonta à própria violência, ao levar às mãos ao pescoço como forma de repetir a experiência ao atuar o enforcamento e ao verbalizar, a medida que não se trata de um sufocamento mas de alguém que a enforca - trazendo inclusive a passividade nesse ato -, nos permite simbolizar a compulsão à repetição das violências realizadas pelo companheiro.

Um outro ponto comum entre as participantes é um certo tipo de compensação realizada pelos companheiros:

É estranho. A gente mesmo manipula nossa mente, mas como a mente da gente é programada acostumar com as coisas ruins, você se acostuma que *você fica procurando pequenas alegrias dentro daquele caos*. Tipo assim: “vamos sair pra almoçar hoje”. Nossa, que coisa boa, que maravilha. Sabe, *uma esmola, uma esmola*. (Fabiane)

A maioria das vezes, a gente almoçava no Giraffas, todo domingo. E quando a gente saía assim pra ir num shopping, sempre no mesmo, pra comer alguma coisa lá, era uma festa, sabe. *Essas pequenas coisas que não são nada, são esmolos. São exatamente esmolos. A gente cria uma expectativa muito grande na nossa cabeça “ai ele tá fazendo isso a mais hoje.” “Hoje ele fez isso.”* (Agnes)

Nos discursos, percebe-se a expectativa de receber alguma devolutiva desse companheiro, qualquer demonstração de afeto é afirmada como “esmola”, algo que aparentemente não faz falta a quem oferece, mas é de grande proporção a quem recebe, tal qual os atos dos companheiros eram recebidos pelas participantes. Isso nos faz pensar em como essa espera por algo positivo também resulta em uma espécie de compulsão à repetição. De forma que, ao que parece, o semblante do amor é “alimentado” e a relação prossegue, sem vir à tona o lado da devastação.

A “expectativa muito grande” citada por Agnes remete-nos a uma posição de passividade, ou melhor, de um assujeitamento, como se estivesse à espera de que o companheiro a oferecesse seu amor, como a espera de uma delimitação de gozo. A fim de que possa orientar-se a partir do desejo desse outro. Para Zanello (2018), a construção social propaga que a mulher só se sente completa se estiver dentro de uma relação amorosa, podemos compreender, então, a alta expectativa da participante dentro de sua relação com a mínima demonstração de afeto apresentada.

Além das compensações esporádicas que advinham de algo um pouco fora da rotina, as participantes comentaram sobre uma outra forma de compensação mais recorrente, idas ao supermercado:

Aqui em casa, também, ele chegava sempre cheirando a álcool, chegava da amante, das bagunças ai ele chegava e falava assim pra mim “arruma ai e vamo ali no supermercado” sabe. [...] ele achava que, na cabeça dele — eu acho hoje —, ir ao supermercado comprar comida era o jeito que ele se redimia de tudo que ele fazia. (Fabiane)

Era um presente pra gente. “to dando um presente” (Agnes)

A forma como Fabiane fala sobre essa atitude do marido nos faz pensar que o ato de suprir com os alimentos é, ao mesmo tempo, algo que satisfaz a companheira. Ele comparece de forma afetiva/sexual com a amante e de forma a cumprir com as necessidades básicas da esposa oficial. O presente, nomeado por Agnes, aparenta a ligação entre a mulher e a casa, não mais como sujeito, mas uma extensão desse lar que, se está cheio de comida, logo a mulher deve se dar por satisfeita.

Fabiane complementa com a seguinte metáfora:

Como se a gente fosse... a casa da gente fosse um chiqueiro e só tem que jogar comida pros porcos e o resto tá tudo bem. Alimentado, enchendo a geladeira, pagando água e luz, as contas da casa, tá ótimo. A gente tem que ficar calada e não tem que reclamar de nada. (Fabiane)

A participante inicia a frase, mas logo a reformula para comparar sua casa com um chiqueiro, deixando implícita a comparação que faz entre os residentes da casa (incluindo ela) e os porcos. A metáfora evidencia os papéis sociais estabelecidos para o homem e a mulher dentro do casamento. O lugar do homem como provedor, aquele que fornece o sustento da família e paga as contas. A mulher-esposa, excluída do ambiente social, trancafiada e fadada à espera de amor, de comida.

Sobre essas relações extraconjugais, nota-se seguintes falas:

Pra esposa oficial, mercado, comprar comida pra fazer comida, ficar em casa, produtos de limpeza pra limpar a casa, ir no mercado. Ir no mercado, na cabeça deles, pra esposa é o paraíso. E para outra lá fora, é o motel bom, um presente, uma churrasceria antes de ir pro motel, um passeio. (Fabiane)

A minha separação, de fato, assim ocorreu porque ele queria que eu me submetesse ao que ele faz lá com a outra. [...] O que ele queria, queria que eu ficasse no meu lugar, no meu canto, obedecendo e continuasse com a outra lá. É isso que ele quer. (Agnes)

Freud (1912/2013) discute que os homens possuem uma disjunção das correntes: terna, que se liga às características da infância e traz aspectos incestuosos; e a sensual, que desvia a libido desses primeiros objetos para os novos. Assim, a vida amorosa do homem toma duas direções: o “amor celestial” e o “amor terreno”. A partir disso, podemos associar o que foi dito

com as falas das participantes, na medida em que há uma separação entre a esposa, que seria relacionada ao “amor celestial”, e a amante, o “amor terreno”. Com essa última, o lado sexual é satisfeito, seu desejo se mantém ali. São presentes que se ligam à satisfação sexual e entregues para a “outra lá fora”. Enquanto com a esposa oficial, detém-se às coisas relacionadas à casa, ela não é observada como uma mulher desejante.

A fala de Agnes parece mais exemplificadora dessa separação de “mulher de casa e a mulher da rua”, isso nos remete à dualidade do sexo feminino que ocorria durante a Idade Média (SILVA; MEDEIROS, 2013), porém, agora como uma espécie de categorização das mulheres. Existem “mulheres para casar” e “mulheres para se divertir”, a primeira se mantém dentro do ambiente privado do lar e silenciada; a segunda para apenas satisfazer as necessidades sexuais que não poderiam ser realizadas com as de casa. As duas servem como objetos desse homem que deseja mantê-las para seus fins.

Além disso, a presença das amantes denuncia às esposas uma vacilação em seus semblantes de feminilidade:

a gente desconfia, ainda mais quando tinha história, mas nunca de uma pessoa fixa. Mas a dor é maior quando é uma pessoa fixa que tá investindo porque você sabe que aquele patrimônio.. aquilo é seu. Que você lutou pra ter aquilo, suou, você sofreu. Então é muito complicado, mas... esqueci o que ia falar. me deu um branco. (Fabiane)

Essa fala remete-nos à questão das máscaras, discutidas na seção 1.4 do capítulo anterior, assim, tal como Miller (2010) expõe, elas servem como formas de velar o vazio que se encontra do significante, ou seja, aparece ali onde a definição não se faz presente. Dessa forma, ao expressar que a dor é maior quando o companheiro toma uma amante fixa, há uma vacilação no semblante da participante, que a faz se interrogar sobre suas próprias insígnias de feminilidade e o que a “outra” tem que faz com que ele a deseje. Bonfim e Vidal (2009) explicam que a feminilidade é construída a partir das máscaras, já que, como vimos anteriormente, cada mulher busca estabelecer suas características de feminilidade, com isso, podemos compreender que a participante busca na “amante” o semblante de “ser mulher”, a fim de que se aproprie ou reconstrua uma nova máscara para si, que faça com que o olhar do companheiro retorne a ela.

Cabe apresentar o curioso uso do termo “patrimônio” usado no discurso de forma ambígua. Ao mesmo tempo que nos faz pensar no patrimônio material, construído pelo casal durante a relação, também nos direciona a interpretar que o marido é visto como um patrimônio dela, algo (no caso, alguém) que tem um valor alto, tanto de dinheiro quanto de sofrimento para

“conquistar”, tendo em vista as lutas, o suor e todo o sofrimento causado por essa conquista. Sofrimento que pontuamos ser infringindo nela, no começo da relação, para ser causa de desejo e retirada da “prateleira do amor”, sendo a escolhida (ZANELLO, 2018), assim como nas violências conjugais ao decorrer do relacionamento.

O esquecimento no final da fala traz a reflexão sobre a ação do recalçamento, da negação de algum pensamento que se evoca à consciência e é recalçado. O assunto da amante fixa que o marido possuía é algo que aparentou ser bem delicado de ser lembrado e debatido para a participante, e que move diversos afetos. Posteriormente, Fabiane ressaltou que “falar nisso dói. Dói na gente, mas é uma dor... uma dor de remexer nas memórias, mas tem que ser falado.” Assim, ao falar, os afetos são revividos e a angústia se instaura, o que pode fazer com que os pensamentos sofram a ação do recalque.

Ao continuar a falar sobre a vida extraconjugal dos companheiros, Agnes diz:

Eu já ouvi isso; “É só um caso. Aquela lá eu passei a mão só que você é minha esposa”. A esposa que tem que ficar bonitinha em casa, o objeto que eu coloco ali, bonitinha, que eu dou as coisas direitinho, que eu mostro pra sociedade. Só que eu tenho minhas coisas lá fora. (Agnes)

A fala traz elementos da objetificação da mulher, ao passar para o status de esposa passa a ser apresentada como um suporte do status ao homem, as aparências da família tradicional para cumprir com a demanda social. Assim, a esposa assume o lugar de “objeto de decoração” da casa que serve para expor e manter as aparências.

Com relação aos companheiros, “aí fazia todas as vontades dele, era só o que ele queria, eu não tinha minha vontade própria. [...] tudo que ele queria fazer, eu tinha que fazer. Eu não podia falar que não, *eu nem podia pensar que não*.” (Joana).

Ao que foi apresentado, notamos uma internalização da autoridade dos companheiros na vida das participantes, em que eles funcionam como uma espécie de Superego cruel. Assim, quando Joana enuncia no grifo destacado que “nem podia pensar que não”, observamos que o companheiro se tornou uma figura tão repressora que, mesmo não presente, consegue manipular a participante e determinar não só suas vontades, como também até a forma como ela pensa, apresentando-se como uma espécie de vigia dos pensamentos.

Também notamos como a figura dos companheiros se torna extremamente associada à repressão e ao medo nas seguintes falas:

Quando dava a hora dele chegar, meu coração travava. Eu ficava *sem conseguir engolir água* porque eu não sabia como ele ia chegar, se ele ia chegar bem, feliz, se ia

chegar bêbado. *E eu sinto até hoje*, quando dá o horário mais ou menos que ele chegava, *eu sinto uma angústia no meu coração*, mas eu sei que vai sair. (Fabiane)

Porque quando eu pegava o ônibus e chegava a quebrar ou tinha engarrafamento, *meu psicológico já ia lá nas alturas. Ficava desesperada, ficava tensa, ansiosa*. (Joana)

Em ambos os trechos, elas demonstram que o mínimo vislumbre da presença do companheiro ocasiona uma angústia. Freud (1920/2010) discute que a angústia estaria ligada a um estado de expectativa diante de algum perigo em que o sujeito estaria se preparando para esta situação, mesmo que a desconheça. Isso nos faz ligar as falas das participantes ao apresentarem esse estado perante o desconhecido humor do companheiro naquele dia, apesar das consequências serem sabidas. Interpretamos que o companheiro pode funcionar até como uma espécie de agente castrador na vida das mulheres, na medida em que denuncia e escancara uma falta de amor, de afeto. Cabe ressaltar que Fabiane, apesar de estar separada há meses do ex-companheiro, relata que, ainda hoje, sente todo o medo. As experiências de sofrimento tornam a se repetir diante do confronto com algo que é traumático, a presença desse companheiro violento. Nem acidentes, que se situam fora do alcance de nossas ações, são relevantes.

Travamento na garganta aparece e podemos associar a uma outra fala de Fabiane, anteriormente destacada neste trabalho, sobre a sensação de enforcamento. Relacionamos a ingestão de comida/líquidos à vida, tendo em vista as necessidades nutricionais do corpo. Assim, esse companheiro retira a vida dessa mulher, também, ao apresentar-se de forma imaginária, ou seja, fisicamente não se encontra ali, mas somente a fantasia de sua imagem já é suficiente para ocasionar sintomas.

Sobre as situações violentas:

Então quando chega no ponto que não tem argumento, começa a ficar nervoso pra eu ficar com medo e ficar calada, entendeu? O abusador, ele faz isso, quando ele não tem argumento, ele faz o quê? Ele vem pra cima com violência ou pra você parar aquela coisa na hora ou pra te deixar te machucar, te ferir, te provar que ele é mais forte que você e você tem que ficar calada e aceitar. (Fabiane)

Os argumentos eram silenciados pelo barulho da violência. Zanello (2018) comenta que a agressividade por parte do sexo masculino é tida como uma forma de afirmação de sua virilidade. Dessa maneira, qualquer tentativa de fala por parte da participante era tida como um questionamento da autoridade do marido, que se afirmava através da agressividade para que o silenciamento retornasse para o lado feminino.

As situações de violência eram seguidas, segundo as participantes, de momentos de manipulação por parte dos companheiros que tentavam fazê-las compreender que a culpa dos acontecimentos era delas. Sobre isso, pontuamos a fala de Fabiane:

Você sofrendo e sendo tão infeliz, você procura sempre justificar: “ele brigou comigo ontem e até aconteceu tudo isso, culpa minha. Por que eu não fico calada? Por que eu não evitei isso? Eu podia ter evitado. Porque eu não fiquei quietinha no meu canto?” (Fabiane)

O discurso de Fabiane é antecedido de uma explanação sobre o que acontecia quando ela questionava o marido sobre algumas atitudes dele, assim, tão logo uma briga era iniciada. A partir disso, o que podemos associar é uma espécie de retorno da pulsão de morte ao sujeito, tido como masoquismo secundário (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). O masoquismo moral, o qual acreditamos que possa ser associado à fala da participante, trata-se de uma posição na qual o sujeito se coloca, de forma inconsciente, na busca por punição, isto é, numa posição masoquista ao outro (FREUD, 1924b/2011). A pulsão que retorna parece denotar na participante uma autoagressão e senso de necessidade de punição ao aparentar que, de fato, a motivação da briga partiu dela. Então, pune-se ao “permanecer” na relação. Esse movimento de culpar-se pelos ocorridos parece ser frequente no relacionamento de Fabiane e remete-nos a uma repetição dessa posição “masoquista”. Cabe ressaltar que não estamos definindo que a participante seja masoquista e queira permanecer na relação, mas que de forma inconsciente coloca-se neste lugar tendo em vista a relação com seus primeiros objetos amorosos na infância.

Assim, frente às auto recriminações que as acometem, as participantes relataram que acabam se desculpando pelo ocorrido da própria violência como podemos observar no seguinte discurso:

No fim, eu chegava e falava “ me perdoa. Vamos ficar bem. A gente precisa resolver nossas coisas, vamos parar com essas brigas”. Ele fazia de um jeito que, no fim, era eu quem pedia até perdão pra ele por coisas que ele fazia pra mim. E aí *continuava, começava tudo de novo. E ia passando.* (Fabiane)  
É desse jeito [afirmando a fala de Fabiane]. O que passamos é praticamente as mesmas coisas. (Joana)

A sequência apresentada denota a responsabilização da mulher, comentada no capítulo 1 deste estudo, sobre o status do relacionamento. Dessa forma, Zanello (2018) discute que às mulheres é atribuído o sucesso ou não da relação, cabendo a elas realizar o sacrifício e a dedicação para que dê certo. Isso fica exposto na atitude de ir atrás do companheiro para apaziguar a briga ocorrida.

A repetição se faz presente na fala de Fabiane, como observado nos grifos, ao indicar uma espécie de ciclo em sua vida: a violência dele e as desculpas dela. O “ia passando” demonstra uma ideia de passividade diante dos acontecimentos e da repetição, de que tudo isso acontece de forma incessante e automática, dessa maneira trazemos a afirmação de Freud (1914/2010) em que o sujeito “ não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz” (p. 149). Além disso, a identificação entre as participantes também aparece ao Joana relatar que passaram pelas mesmas situações.

No tocante à repetição, apresentamos agora a fala de Fabiane, relacionada aos inúmeros recomeços do relacionamento:

Eu mesma sempre quis.. sempre tive idas e vindas. Mas eu sempre acabava perdoando e voltando. A família falava que era melhor ficar junto do que sozinha. Eu tinha medo. Ele tinha colocado muito medo da gente enfrentar a vida. Fazia chantagem emocional, falava que ia mudar, parava de beber, ficava só parecendo que tava muito arrependido, mas era só ilusão. E vai indo. E você vai se vendo tão envolvida, tão presa que você vai deixando. (Fabiane)

Fabiane então observa-se aprisionada dentro de uma repetição, tendo se separado algumas vezes por curtos períodos após situações de violência física, mas deixava que o companheiro retornasse à casa, assim, reatavam o relacionamento. Essa compulsão a repetir remete-nos à dificuldade de elaboração das situações de sofrimento vivenciadas de maneira recorrente, tendo essa compulsão ares de "demoníaco", devido ao seu caráter instintual (FREUD, 1920/2010).

### **3.2 A porta, a travessia e o fim**

Essa parte do estudo foi elaborada a partir da metáfora de uma das participantes sobre como observa, atualmente, o seu relacionamento antigo. Dessa maneira, nesta seção objetivamos compreender de forma mais abrangente o contexto da permanência no relacionamento e da tomada de consciência que as participantes foram adquirindo até conseguirem acreditar que também poderiam viver após atravessar a porta e sair do relacionamento violento que estavam.

Assim, apresentamos, primeiramente, a seguinte sequência de falas, que tratam da invisibilidade do discurso das mulheres acerca da violência:

Eu não tinha nem esse espaço, porque quando eu começava a reclamar dele, elas [mãe e irmã de Agnes] viravam e falavam bem assim: "Ah, mas ele é um homem bom. Ele

te dá isso, te dá aquilo. Eu não acredito que ele faça isso”. Aí, tipo a pessoa só se recolhe pra si e se culpa. Será que eu tô vendo coisas? Será que eu tô ficando louca? Será que eu tô cobrando demais de uma pessoa que só me dá? (Agnes)

E minha vó e as pessoas ficavam, no começo ainda reclamava de alguma coisa, falavam: “não, mas é assim mesmo. Ele é bom, não deixa faltar nada. É melhor com ele do que sem ele.” (Fabiane)

Cabe ressaltar que as participantes se dirigiam a outras mulheres (avó, mãe, irmã) para falar sobre a sua situação, fica evidenciado como a lógica da opressão é internalizada até pelas mulheres e tida como algo banal. Lagarde (2011 apud ZANELLO, 2018) discute que as mulheres apresentam uma linguagem própria para comunicar experiências sobre como sobreviver e manter relacionamentos. Assim, expressões como as apresentadas pelas participantes são extremamente comuns e perpetuadas, infelizmente, pelas mulheres.

Zanello (2018) explica que a exigência moral recai intensamente sobre as mulheres, mas se flexibiliza quando são os homens a transgredi-la, criando uma dupla moral (FREUD, 1908/2015). Então, várias atitudes do sexo masculino são “desculpadas” desde que ele cumpra com o seu papel de provedor, tal como mostrado nas falas das participantes relacionando o companheiro ser um homem “bom” com ele não deixar faltar coisas em casa.

Além disso, a permanência no relacionamento pode atuar como uma forma de proteção contra o desamparo e faz com que os mínimos retornos de compensação que o companheiro realiza, as fazem acreditarem que lhes é dirigido afeto. Supomos que as razões para permanecer na relação não são conhecidas pela consciência, visto que o psiquismo da mulher está imerso em uma compulsão a repetição. Frente a isso, apresentamos o seguinte relato

É uma lavagem cerebral tão grande, é uma coisa assim tão tão estranha, sabe? Que você olha pra trás e pensa: “realmente, como eu aguentei?”. *Mas no momento que a gente tá ali vivendo aquilo, você não vê outra saída, você não vê, você não consegue.* (Fabiane)

Aqui, notamos a ação inconsciente da repetição, sendo assim, durante a relação, a participante não consegue sair da compulsão até que consiga elaborar as situações traumáticas que vivenciou/vivencia. Isso fica explícito na parte dos grifos, ao relatar não conseguir realizar ações de outra forma e atualiza, repetidamente, suas experiências de sofrimento, dolorosas (RUDGE, 2009). Além disso, as diversas afirmações de que não é possível encontrar saídas daquela cadeia de repetição e que fica escancarado no “você não vê”, como um meio de apresentar toda cegueira que ocorreu durante o casamento.

A participante complementa:

Eu, no caso, assim todos os sonhos que eu tinha pra minha vida, eu fui matando eles, um a um, um a um. Até não ter sonhos mais. Eu via que minha vida era uma outra realidade e que eu tinha que me adaptar a ela. A gente vai apagando nossos sonhos, vai se encolhendo, se encolhendo e acaba sendo uma doméstica, não remunerada, mal amada. (Fabiane)

Dessa forma, o encolhimento pode estar relacionado ao esvaziamento do desejo e à posição de assujeitamento que a participante adquire na relação, à adaptação a uma vida na qual não lhe é permitido atuar como sujeito desejante. O encolhimento também nos remete ao “se fazer caber” no relacionamento, perante a figura masculina que se mostra potente e violenta, Fabiane porta-se de forma contrária, diminuindo-se cada vez mais, apagando-se. A isso também podemos associar a mascarada que, segundo Barros e Ligeiro (2019), é a forma como a mulher oculta sua falta a fim de ser objeto-causa de desejo, com isso, a participante se diminui e coloca-se ativamente na posição de passividade para caber no desejo do outro, a partir de uma máscara de masoquista (SOLER, 2005).

Acerca do fim da relação, as participantes apresentaram as seguintes falas:

Quando meu corpo começou a gritar, foi quando eu virei e falei assim “cheguei no meu limite, eu preciso tomar uma decisão, se não daqui eu vou.. morrer.” (Agnes)

A gente vai empurrando com a barriga, assim, sabe. Mas tem uma hora que a coisa grita. E se você não toma atitude ou você morre ali, se torna um zumbi, uma morta viva dentro de um relacionamento. Ou você cria coragem mesmo e vai viver a vida, com todas as dificuldades que a vida tem mesmo. (Fabiane)

O silenciamento vivido durante anos é encerrado com os gritos de socorro de um corpo que não aguenta mais a violência que lhe é dirigida por aquele outro. A fala de Agnes é dita, ao que parece, a ela mesma. Confronta-se consigo mesma e encara a queda do semblante do amor que não se faz presente.

Fabiane traz a ideia da passividade novamente no discurso, sendo interrompida somente com “a coisa” que escancara que há uma saída para a situação que vivencia. A coisa pode ser entendida como um insight que a auxilia a “romper” uma repetição e a iniciar uma saída do relacionamento. Além disso, o significante “barriga” denota a ideia de que a participante - como pontuado algumas vezes durante as entrevistas - aguenta o casamento por conta das filhas, assim por causa das “filhas na barriga”, e também com elas, vai permanecendo na relação. Até o ponto que “a coisa” grita, interpretamos isso como um grito do desejo. Ou o grito da dor do parto, pois ao “parir” e deixar a barriga vazia, é onde Fabiane se depara com a falta de ter com o que “empurrar” a relação. Quando essas filhas saem de sua barriga, já não há mais como permanecer ali.

Logo após a separação, Fabiane relata o que escutava das pessoas: “A gente escuta também o ‘você é tão bonita’, como se tudo se resolvesse assim: você vai sair dali e vai arrumar um homem, mas isso não existe. Essas coisas assim é muito machista. Parece que você só vai conseguir se você arrumar outro homem” (Fabiane).

A fala deixa explícito como a sociedade patriarcal demanda que a mulher pertença a alguém para conseguir ser afirmada como tal. Além disso, exclui o tempo para conseguir compreender processos subjetivos que foram arrebatados durante o relacionamento violento, incluindo um processo de luto que se liga aos términos. Ao demandar procurar por outro homem, o que podemos supor é que ocorra uma repetição, diante de situações que necessitam ser elaboradas.

Questionadas sobre como se observam na relação passada, temos as seguintes falas:

A gente não acredita que tava lá no meio daquela história (risos), depois que você consegue sair. A única coisa que eu sei, é que eu não quero voltar para aquela história lá não. Se for pra escolher entre morrer e voltar, eu escolho morrer, porque nunca mais. (Fabiane)

Se for pra ficar do jeito que eu estava com ele, aceitar o que ele vem fazendo, eu prefiro morrer ou então vou virar uma zumbi e ser uma morta viva do lado daquele homem. Eu era uma morta viva e não sabia. (Agnes)

Ambas pontuam sobre a preferência à morte, que pode ser compreendida como uma escolha entre a morte do corpo enquanto matéria e a morte do desejo. No trecho destacado acima e em outro momento da entrevista, pontuam ser mortas-vivas dentro da relação. Interpretamos que a associação com zumbis pode ter sido realizada porque ambos não almejam mais desejos além de apenas sobreviver, seja através de se alimentar de cérebros, como os zumbis, ou de uma demanda de amor, como nos parece os casos das participantes. O morto-vivo é aquele que faz tudo no automático, não fala, não pensa e é esvaziado de desejos, Agnes reformula a frase ressaltando que era uma morta-viva, apenas não tinha consciência disso à época.

Com isso, apresentamos agora a metáfora que comentamos anteriormente para finalizar este capítulo. A metáfora foi apresentada por Fabiane quando foi levado ao debate a visão que possuem, atualmente, sobre a vivência que tiveram no relacionamento violento:

É uma prisão, é uma prisão. Em que você não tem força. [...] A porta tava aberta, lá fora tinha vida, tinha tudo mas eu acho que o cadeado na porta, olhando por fora agora, era um cadeado gigante, todo construído por *medo. Medo. Medo. O medo* psicológico. *O medo tão grande* que trava a gente. Você não consegue. Tanto que a gente fica doente, todo tipo de doença a gente vai adquirindo. A porta tava aberta mas, na cabeça da gente, a gente não consegue passar naquela porta aberta. Não consegue, muita luta.

A gente sabe que a porta tá aberta, vê a vida lá fora, sabe? Que pode passar mas, na sua imaginação, na sua mente você vê um cadeado gigante ali naquela porta que *é o medo*. Hoje, eu vejo que *é medo. Medo de tudo*. você fica numa alienação, uma... um... uma coisa na sua cabeça, na sua mente que você não vai conseguir. Que você não é capaz. Eu gostava de ver a felicidade das pessoas. Achava tão bonito os outros casais. Eu acostumei ser *espectadora*. (Fabiane)

A porta tá aberta, tá tudo ali. Tão até te chamando, mas o *medo trava*. O *medo* do desconhecido, o *medo* do fracasso, o *medo* do mundo, o *medo* do que as outras pessoas vão dizer disso. (Agnes)

Acreditamos que essa metáfora explicita novamente a questão da internalização da autoridade do companheiro nas participantes, de forma que observamos que a porta está aberta, mas ainda assim algo as prende. A palavra “medo” foi pontuada por Fabiane oito vezes e por Agnes seis vezes.

A posição de espectadora evidencia a passividade, somente assistir a felicidade dos outros e fantasiar acerca disso já era o bastante para ela. Segundo o nosso entendimento, a participante parece ser espectadora de um filme que, de alguma forma, a faz “esquecer” da situação que vive, assim, é suprida, mesmo que imaginariamente.

Além disso, o medo de que, ao atravessar a porta, não haja mais esse companheiro que, supostamente, lhes dará garantias de proteção contra o desamparo, de serem amadas, tendo então de buscarem novas máscaras como forma de poder se situar e encontrar um lugar no mundo que possa oferecer a elas uma estabilidade.

O medo — do desamparo, do companheiro, dos outros e até de viver — torna-se um afeto mais presente que o outro na vida dessas mulheres. Observamos, neste estudo, os trajetos de apenas três mulheres e notamos como os discursos se cruzam em determinados momentos. Joana tomou unicamente o medo e a coragem em sua bagagem e retirou-se de casa com apenas a roupa do corpo, de madrugada, sem avisar ninguém. Agnes apresenta que o medo é um afeto marcante. Além da dependência financeira que tem do ex-companheiro, está iniciando sua travessia e encarando a vida que existe fora. Fabiane, a nosso ver, desde pequena convive com o medo em sua vida e viu-se presa na roda da compulsão até cerca de 7 meses atrás, quando conseguiu atravessar a porta que tanto encarou durante sua vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve o intuito de compreender a permanência de mulheres em relacionamentos amorosos violentos, tendo o cuidado de nos distanciarmos de discursos que culpabilizam as vítimas e justificam a violência. Para isso, utilizamos dos conceitos psicanalíticos de compulsão à repetição, trauma e devastação, bem como compreensão do feminino e da feminilidade ao longo da história da psicanálise.

O primeiro capítulo desenvolve-se sobre como a psicanálise compreende o desenvolvimento psicosexual feminino, através dos textos iniciais que explicavam sobre a organização genital infantil até a “descoberta” da fase pré-edipiana - exclusiva das meninas, onde a mãe, assim como nos meninos, também foi primeiro objeto amoroso e de grande importância e repercussão posteriormente na vida das mulheres. Também neste capítulo foram discutidos os conceitos de trauma e compulsão a repetição, a fim de pensarmos na repetição inconsciente ocorrida nas escolhas amorosas, bem como na insistência da pulsão de morte em impelir o psiquismo a repetir, em ato, situações traumáticas vividas pelo sujeito. Assim, na terceira seção do capítulo, discutimos a pulsão de morte e seus destinos, como o sadismo e o masoquismo, nos atentando à discussão sobre o fenômeno do masoquismo. Por fim, na última seção, discorreremos sobre a questão do feminino na psicanálise lacaniana e sobre o conceito de devastação, focalizado na devastação amorosa.

O segundo capítulo foi nomeado a partir do relato de uma das participantes “Não somos loucas, somos mulheres!”, ao comentar sobre como o ex-companheiro sempre a chamava de louca durante as discussões e agressões. As demais participantes também relataram sobre como esse significante era frequentemente usado contra elas quando questionavam seus companheiros sobre diversos comportamentos. Neste capítulo, damos espaço aos relatos das participantes e realizamos as análises de discurso, a partir da teoria e dos conceitos explicados no capítulo anterior.

Notamos, a partir dos relatos das entrevistadas, que os conflitos e questionamentos que permeiam as participantes giram em torno de compreenderem como não percebiam o que vivenciavam à época. O que confere o desconhecimento das razões por parte da consciência, mas escancara a atuação do fenômeno da compulsão a repetição. A condição de assujeitamento ao Outro se faz presente à medida em que o sujeito almeja, repetidamente, se satisfazer mesmo através dessas relações violentas. A mulher então espera receber de forma recíproca o amor que direciona ao homem, como maneira possível de estabilizar seu semblante de feminilidade e obter algo dessa relação que possa afirmá-la.

Este estudo foi realizado como forma de chamar a atenção para o tema da violência contra as mulheres que, nesses últimos anos, tem sido constantemente veiculado através de diversos casos de feminicídio e debates que giram em torno de culpabilizar as vítimas por continuarem na relação, além de repercutirem discursos machistas e cheios de culpa às mulheres como a famosa frase “mulher gosta de apanhar”. Como se submeter-se a este tipo de situação fosse um tipo de escolha, a isso explicitamos os traços conscientes e inconscientes que atravessam as escolhas que realizamos. Através dos relatos, percebemos as violências veladas que são apresentadas às participantes visando “o bem”, assim como a progressão e as agressões físicas repetidas.

Acreditamos na necessidade de continuar promovendo estudos acerca da questão da violência conjugal, levando em consideração os campos psicológico, social e político que influenciam (nós) mulheres a aceitarem e perdoarem comportamentos tido como masculinos. Inclusive, nos leva a questionar se somos loucas ao levantarmos as vozes para reivindicar direitos básicos, como um “simples” sairmos vivas de relacionamentos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n. 2, p. 61-69, fev/jul. 1992.
- BARROS, Rita Maria Manso; LIGEIRO, Vivian Martins. “O que é ser mulher?” - entre o enigma e o desamparo. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, ano XII, n.1 p. 3-13, jul. 2019.
- BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- BONFIM, Flavia Gaze; VIDAL, Paulo Eduardo Viana. A feminilidade na psicanálise: a controvérsia quanto à primazia fálica. **Fractal: Revista Psicologia**, v. 21, n. 3, p. 539-548, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASIL DE FATO. **Pandemia escancara o feminicídio e a subnotificação no Brasil e no mundo**. Disponível em <https://www.ufsm.br/midias/experimental/integra/2021/01/22/pandemia-escancara-o-femicidio-e-a-subnotificacao-no-brasil-e-no-mundo/> . Acesso em: 10 de nov 2021.
- CAMPAGNOLI, Adriana de Fatima Pilatti Ferreira; COSTA, Araci Carmen; FIGUEIREDO, Alcio Manoel de Sousa; KOVALESKI, Nadia Veronique Jourda. A mulher, seu espaço e sua missão na sociedade. Análise-crítica das diferenças entre os sexos. **Emancipação**, v. 3, n. 1, p. 127 -153, 2003.
- CHATELARD, Daniela. Sobre o masoquismo feminino. **Escola do Campo Lacaniano**. sem data
- COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história**. Dourados: Ed. UFGD, 2014.
- COSTA, Teresinha. **Édipo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2010.
- DELUMEAU, Jean. História do Medo no Ocidente. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.
- DOMINGUES, Mariana Rosa Cavalli. **A feminilidade e a mulher na obra de Sigmund Freud**. 2008. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2008.
- DRUMMOND, Cristina. Devastação. **Opção lacaniana (online)**. v 2, n. 6, p; 1-14, nov. 2011.
- DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Grupo focal online e offline como técnica de coleta de dados. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.17, n.1, p.75-85, jan./abr, 2007.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA - FBSP. **13º Anuário brasileiro de segurança pública**. São Paulo. 2019.

FREUD, Sigmund. (1895). Estudos sobre a histeria. In: **Obras completas**, volume 2. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. (1908). **A moral sexual cultural e o nervosismo moderno**. In: **Obras completas**, volume 8. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund. (1910). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (contribuições à psicologia do amor I). In: **Obras completas**, volume 9. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. (1912). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II). In: **Obras completas, volume 9**. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. (1913). Totem e tabu. In: **Obras completas, volume 11**. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: **Obras completas, volume 10**. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1920). Além do princípio do prazer. In: **Obras completas, volume 14**. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1923). A organização genital infantil. In: **Obras completas, volume 16**. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1924a). A dissolução do complexo de Édipo. In: **Obras completas, volume 16**. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1924b). O problema econômico do masoquismo. In: **Obras completas, volume 16**. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1925). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: **Obras completas, volume 16**. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1931). Sobre a sexualidade feminina. In: **Obras completas, volume 18**. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1933). Feminilidade In: **Obras completas, volume 18.** (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 12, n.24, p. 149-161, dez. 2003.

JORGE, Marco Antonio. **Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan:** As bases conceituais. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade.** 2ª edição. São Paulo: Boitempo. 2016.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor e Desejo: um estudo psicanalítico.** 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná., Curitiba. 2014.

LACAN, Jacques. O aturdido. 1972. In: **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003a.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 10: a angústia.** 1962-1963. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 19: ...Ou pior.** 1971-1972. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003b.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 20: Mais, ainda.** 1972-1973. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 23: o sinthoma.** 1975-1976. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

LACAN, Jacques. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LAGO, Mara Coelho de Souza. **A psicanálise nas ondas dos feminismos.** 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1350> Acesso em: 39 nov. 2021.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de Psicanálise.** 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

LIMA, Gabriela Quadros de; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. **Psicologia em Estudo.** V. 16, n. 4, pp. 511-520. 2011.

MILLER, Jacques-Allain. Mulheres e Semblantes II. **Opção Lacaniana online.** Ano 1, n. 1, pp. 1-25. 2010.

MILLER, Jacques-Allain. Uma partilha sexual. **Opção Lacaniana online.** Ano 7, n. 20, pp. 1-40. 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos, volume 3, 2006.

PAIM FILHO, Ignácio Alves. Compulsão à repetição: pulsão de morte “trans-in-vestida” de libido. **Revista Brasileira de Psicanálise**. v 44, n. 3, p. 117-126. 2010.

POLI, Maria Cristina. **Femino/Masculino: a diferença sexual em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2007.

RIBEIRO, Carolina Nassau; PINTO, Jeferson Machado. Reduzir-se a nada: articulações entre o masoquismo, o feminino e a máscara. **Psicologia USP**. v. 23, n. 3, p. 503-521, jul. 2012.

RUDGE, Ana Maria. **Trauma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2009.

SARTORI, Ana Paula Corrêa. **Erotomania: amor e sexuação**. 2009. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) - Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2009.

SILVA, André Candido da; MEDEIROS, Márcia Maria de. Sexualidade e a história da mulher na Idade Média: a representação do corpo feminino no período medieval nos séculos X a XII. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 7, n. 14, jul/dez 2013.

SILVA, Nereida Soares. A maldição das filhas de Eva: Uma história de culpa e repressão ao feminino na cultura judaico-cristã. *In*: XIII Encontro Estadual da ANPUH, Guarabira. História e historiografia: Entre o nacional e o regional, 2008.

SILVA, Thais Limp; MARCOS, Cristina Moreira. O ato como tratamento para a devastação feminina. **Revista Subjetividade**, Fortaleza, v. 20, n. 3, p. 1-11, dez. 2020.

SOUZA, Danuza Effegem de; VIDAL, Paulo Eduardo Viana. Devastação: Entre Mal-estar e sintoma, o sofrimento relacionado ao feminino irrepresentável. **Revista Subjetividade**, Fortaleza, v. 17, n. 3, p. 130-142, dez. 2017

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Zahar. 2005.

SOUZA, Tharso Peixoto Santos de. O lugar do desejo feminino frente à violência. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 33, n. 62, p. 85 – 92, set. 2011.

TIMM, Flavia Bascunam; PEREIRA, Ondina Pena; GONTIJO, Daniela Cabral. Psicologia, Violência contra mulheres e feminismo: em defesa de uma clínica política. **Psicologia Política**, v 11. nº 22. p 247-259. Jul/Dez. 2011.

ZALCBERG, Malvine. A devastação: uma singularidade feminina. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 469-475, dez. 2012.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**. Curitiba: Appris. 2018.

**ANEXO A - Roteiro de perguntas norteadoras para o grupo focal**

1. Como era a relação com o ex-companheiro?
2. Quais tipos de violência que sofreram? Quanto tempo?
3. Já chegaram a acionar a polícia militar por conta de situações de violência?  
Realizaram Boletins de Ocorrência?
4. Quando vocês perceberam que estavam em uma relação violenta?
5. Como se deu o fim da relação?
6. Como vocês se sentem hoje olhando para as agressões vivenciadas?

**ANEXO B - Roteiro de perguntas norteadoras para a entrevista individual**

1. Como você e o ex-companheiro se conheceram?
2. Como você se sentiu durante o relacionamento?
3. Recorda-se de como começaram a acontecer as agressões? Quando foram piorando?
4. O que fazia depois que acontecia a violência? Culpava-se pela violência?
5. As brigas eram constantes? Como geralmente começavam?
6. Como era a relação de vocês quando não havia agressões?
7. Chegou a fazer coisas que não queria por medo do ex-companheiro?
8. Separaram-se e reataram muitas vezes durante todo o período do relacionamento? O que acontecia logo após reatarem/retornar à casa?
9. Como ocorreu o término? O que te fazia continuar naquela relação?
10. Como foram seus outros relacionamentos amorosos? já havia vivenciado outras relações violentas?
11. Houve histórico de violência com alguém de sua família?
12. Conte-me sobre sua infância, adolescência e namoros.
13. Como era/é sua relação com seus pais.

**ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** BATE-SE EM UMA MULHER: DEVASTAÇÃO DO FEMININO  
E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

**Pesquisador:** JULIANO MOREIRA LAGOAS

Área Temática:

**Versão:** 1

**CAAE:** 51134621.7.0000.0023

**Instituição Proponente:** Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.003.967

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa e/ou do Projeto Detalhado.

Trata-se de projeto de pesquisa intitulado “Bate-se em uma mulher: a devastação do feminino e a violência doméstica”, sob relatoria principal do Professor Titular do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Brasília Juliano Moreira Lagôas (Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília - <http://lattes.cnpq.br/5987952279333424>).

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília e as informações que seguem abaixo descritas constam nas Informações Básicas do Projeto e no Projeto de Pesquisa detalhado, ambos cadastrados na

Plataforma Brasil.

- TIPO DO ESTUDO: Propõe-se a realização de pesquisa qualitativa, por meio da metodologia de análise de discurso e das contribuições teórico-clínicas da psicanálise, que visa a compreender o conteúdo simbólico acerca da violência doméstica presente na fala de quatro mulheres vítimas dessa violência por parte de seus ex-companheiros amorosos.

- DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES: As participantes serão mulheres, entre 18 e 45 anos de idade, que tenham sido vítimas de violência doméstica cometida por ex-companheiros afetivos e que tenham consciência da violência sofrida.

- NÚMERO DE PARTICIPANTES DA PESQUISA: Prospecta-se a participação de quatro mulheres.

- FORMA DE RECRUTAMENTO DOS PARTICIPANTES: O recrutamento proposto será feito por meio de convite verbal realizado em um grupo reflexivo denominado "Renovação Mulheres" e que é voltado às vítimas de violência doméstica. Não se informa o locus ou a instituição que organiza o grupo mencionado.

- CRITÉRIOS DE INCLUSÃO: Mulheres entre 18 e 45 anos que tenham sido vítimas de violência doméstica de seus ex-parceiros amorosos, que não estejam, no momento, vivenciando essa relação afetiva e que tenham consciência dessa violência.

- CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO: Não há indicação.

- TIPO DE INSTITUIÇÃO ONDE SERÁ REALIZADO O ESTUDO: Não há indicação do locus de realização da pesquisa, apenas mencionando-se que, em razão, da pandemia da Covid-19, as entrevistas realizar-se-ão na modalidade virtual, em grupos focais, por meio da Plataforma do Google Meet.

- PROCEDIMENTOS QUE SERÃO REALIZADOS COM OS PARTICIPANTES: Para o desenvolvimento da pesquisa, serão realizados dois a três encontros com o grupo focal de quatro mulheres, organizados via Plataforma do Google Meet, que funcionará a partir da exibição de um vídeo, documentário ou notícia sobre violência doméstica (sem definição, por ora, desses documentos audiovisuais) e da realização de questões a serem debatidas no grupo e que abordarão os temas relativos à relação conjugal, ao amor, à violência e à vida pessoal das vítimas de violência doméstica. Prospecta-se, também, a realização de entrevistas

semiestruturadas individuais com duas participantes. Na análise do material coletado, prevê-se a adoção dos seguintes critérios: inicialmente, a identificação as posições subjetivas dos participantes no discurso; a seguir, a localização dos pontos de interrupção da fala, atos falhos, esquecimentos, repetições, paráfrases, metáforas e metonímias utilizadas pelas participantes; logo, o evidenciamento da utilização de mecanismos ideológicos e culturais pelas participantes; o levantamento de hipóteses sobre os não-ditos presentes nas falas das entrevistadas; em penúltimo, a análise das cadeias associativas em torno das quais se estruturam as falas dos participantes e, por fim; a identificação de elementos de expressão não-verbal.

- MÉTODO DE COLETA DE DADOS/INFORMAÇÕES: A pesquisa foi dividida em duas etapas: inicialmente, serão feitos grupos focais com as quatro mulheres, pela exibição de cenas de filmes e/ou documentários sobre a temática para que se discutam temas como relação conjugal, amor, violência e vida pessoal. Após, serão realizadas duas entrevistas semiestruturadas com as mulheres. Indica-se, no projeto, que a metodologia norteadora de toda a pesquisa é a metodologia de análise de discurso, em articulação com as contribuições teórico-clínicas da psicanálise. Apresentam-se como perguntas que serão feitas nos encontros do grupo focal as seguintes: “1. Como era a relação com o ex-companheiro?; 2. Quais tipos de violência que sofreram? Quanto tempo?; 3. Já chegaram a acionar a polícia militar por conta de situações de violência? Realizaram Boletins de Ocorrência? 4. Quando vocês perceberam que estavam em uma relação violenta? 5. Como se deu o fim da relação? 6. Como vocês se sentem hoje olhando para as agressões vivenciadas?”. No que toca às entrevistas semiestruturadas, pretende-se realizar as seguintes perguntas: “ 1. Como você e o ex-companheiro se conheceram?; 2. Como você se sentiu durante o relacionamento? 3. Recorda-se de como começaram a acontecer as agressões? Quando foram piorando? 4. O que fazia depois que acontecia a violência? Culpava-se pela violência? 5. As brigas eram constantes? Como geralmente começavam? 6. Como era a relação de vocês quando não havia agressões? 7. Chegou a fazer coisas que não queria por medo do ex-companheiro? 8. Separaram-se e reataram muitas vezes durante todo o período do relacionamento? O que acontecia logo após reatarem/retornar à casa? 9. Como ocorreu o término? O que te fazia continuar naquela relação? 10. Como foram seus outros relacionamentos amorosos? já havia vivenciado outras relações violentas? 11. Houve histórico de violência com alguém de sua família? 12. Conte-me sobre sua infância, adolescência e namoros. 13. Como era/é sua relação com seus pais”.

- INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: As pesquisadoras valer-se-ão do aplicativo

Google Meet.

#### Objetivo da Pesquisa:

A proposta de pesquisa visa a, principalmente, compreender os processos de subjetivação, bem como as modalidades de sofrimento psíquico sofrido por mulheres em seus relacionamentos amorosos. Secundariamente, como objetivos específicos, a pesquisa pretende analisar os vínculos afetivos da infância dessas mulheres e suas repercussões nos relacionamentos amorosos futuros, com referência na concepção psicanalítica de trauma; ainda, a pesquisa almeja compreender, da perspectiva psicossocial, a permanência das mulheres nessas parcerias e sua relação com o fenômeno da compulsão à repetição, bem como refletir sobre a posição da mulher em relacionamentos violentos, à luz dos conceitos psicanalíticos de masoquismo e devastação.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo o item V (Dos Riscos e Benefícios), da Resolução n.º 466, de 2012, todas as pesquisas têm, em graus diferentes, riscos e benefícios em sua realização, que são indicados pelo relator principal nas Informações Básicas do Projeto, como segue:

- RISCOS: Descritos pelo relator principal como de grau baixo, os riscos de mobilização de emoções e afetos nas mulheres entrevistadas.

- BENEFÍCIOS: Os pesquisadores apontam como benefício da pesquisa a contribuição para a formação de pesquisas e conteúdos sobre violência de gênero e impactos psíquico-sociais dessas violências.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta da pesquisa mostra-se relevante para o conhecimento acerca dos impactos na formação psíquica das mulheres, seus processos traumáticos e, eventualmente, masoquistas, na perpetuidade de relações amorosas violentas, além de buscar compreender os impactos dessa violência na constituição de subjetividades sobre o feminino.

#### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Feitas as considerações anteriores, passa-se aos critérios relativos aos termos de apresentação obrigatória.

Em primeiro lugar, a Folha de Rosto foi devidamente preenchida, possuindo o pesquisador qualificação exigida para o cadastramento na Plataforma Brasil de projetos de pesquisa, após averiguação de sua qualificação pelo Currículo Lattes (<http://lattes.cnpq.br/5987952279333424>).

Foi juntada, em separado, anuência da instituição proponente. O TCLE - Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado de forma adequada.

Não foram apresentados Termos de Aceite Institucionais, dispensado, porém, para a presente pesquisa. Não foi apresentado Termo de Assentimento, dispensável, contudo, para a presente pesquisa.

Recomendações:

Recomenda-se que o pesquisador observe o disposto no art. 28 da Resolução nº 510/16, quando à sua responsabilidade, que é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe: I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;

II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento;

IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; e V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção.

Observação: Ao final da pesquisa, enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa encontra-se apta a iniciar a coleta de dados.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 4.996.308/21, tendo sido homologado na 15<sup>a</sup> Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano em 10 de setembro 2021.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1810630.pdf	25/08/2021 15:24:12		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetomonografia.docx	25/08/2021 15:21:41	FERNANDA DE MELO MEIRELES	Aceito
Outros	folhaDeRostoFernandadeMelo.pdf	25/08/2021 15:18:45	FERNANDA DE MELO MEIRELES	Aceito
Folha de Rosto	uniceub.pdf	25/08/2021 15:17:09	FERNANDA DE MELO MEIRELES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	19/08/2021 20:53:44	FERNANDA DE MELO MEIRELES	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BRASILIA, 28 de  
Setembro de 2021

---

Assinado por:

**Marilia de Queiroz  
Dias Jacome  
(Coordenador(a))**